

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

RENATO CARVALHO DO NASCIMENTO

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS ESCOLAS DE APRENDIZAGEM
DE ESPORTE/FUTEBOL, UMA NO BRASIL E OUTRA NA CHINA**

Florianópolis

2009

RENATO CARVALHO DO NASCIMENTO

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS ESCOLAS DE APRENDIZAGEM
DE ESPORTE/FUTEBOL, UMA NO BRASIL E OUTRA NA CHINA**

Monografia apresentada ao curso de
Educação Física do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial a obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Paulo Ricardo Capela

Florianópolis

2009

RENATO CARVALHO DO NASCIMENTO

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS ESCOLAS DE APRENDIZAGEM
DE ESPORTE/FUTEBOL, UMA NO BRASIL E OUTRA NA CHINA**

TERMO DE APROVAÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Profº e orientador Paulo Ricardo Capela, Ms.
Universidade Federal de Santa Catarina - CDS/UFSC

Profº Edgard Mathiello Júnior, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina - CDS/UFSC

Profº Carlos Luiz Cardoso, Ms.
Universidade Federal de Santa Catarina – CDS/UFSC

Florianópolis, ____ de _____ de 2009

Dedico esta monografia à minha esposa Erica, aos meus pais John e Elizabeth, e aos meus irmãos, Junior, Leonardo e Juliana. Ao meu professor orientador e aos meus fiéis amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Erica, minha esposa e futura mãe dos meus filhos, por sua nobreza e por ser a grande incentivadora de meus estudos. Nas horas mais importantes sempre estive ao meu lado, sendo meu porto seguro.

Agradeço à minha família, meu pai John, minha mãe Elizabeth, meus irmãos Junior, Leonardo e Juliana, por sempre terem me apoiado e dado todo o suporte necessário para as conquistas. Agradeço todos os dias por essa família maravilhosa.

Agradeço, na forma mais ampla de seu significado, ao professor e orientador Paulo Capela, pela sabedoria, e grande apoio para a realização deste trabalho. Sinto-me privilegiado por conviver com um ser humano tão especial.

Jamais poderia esquecer alguns mestres desta trajetória como o Cardoso, o Edgar e o Fernando.

Amigos e amigas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial meu grande irmão Clovis, com quem dividi muitos momentos tensos, tristes e, também, alegres, é claro.

Agradecer aos professores do curso de Educação Física, pois foram eles que me oportunizaram grandes experiências e conhecimento, e serão de suma importância em minha vida pessoal e profissional.

E por último, não poderia esquecer jamais de um ser tão especial e que foi de extrema importância para minha formação, não só acadêmica, mas sim humana: Tio Gerson, pessoa fantástica.

RESUMO

Vivemos numa sociedade que trabalha com a lógica do ter em detrimento do ser, onde as dicotomias como: gordo x magro, feio x bonito, ganhar x perder, rico x pobre, estão presentes em todos os momentos de nossos dias. Ser competitivo, buscar sempre a vitória, faz parte da ideologia imposta pelo sistema vigente e dominante. Os donos dos meios de produção trabalham com uma “encucação” e naturalização de determinados valores e ideais, muitas das vezes, resumindo os atos humanos como se fizessem parte de sua essência. Os profissionais que trabalham com o esporte/futebol (sujeitos do ato educativo), e sua forma de ensinar às crianças, seus valores com suas práticas pedagógicas, seguem essa tendência hegemônica, onde simplesmente se faz uma adaptação do esporte de rendimento para as crianças e muitas vezes nem isso é feito. O problema central da pesquisa é investigar quais as semelhanças e diferenças metodológicas e sócio-culturais do ensino de futebol nas realidades de duas escolas de ensino de futebol de dois países, sendo o Brasil e a China. Tal problema foi fomentado durante o período de estágio não obrigatório do pesquisador, realizado na escola de futebol do Colégio Barddal, Florianópolis-SC. Posteriormente, em um clube da China (Guoan Futebol Clube), país onde o pesquisador mora e trabalha atualmente, em Beijing. Como objetivo geral, propõe-se identificar as diferenças entre os elementos sócio-culturais do ensino de futebol para crianças dentro das duas realidades de experiência. A pesquisa foi qualitativa e se caracterizou como descritivo-exploratória, tendo como instrumentos de coleta de dados, as aplicações de dois questionários, um com oito perguntas para os professores e outro direcionado para os alunos (crianças). O meu universo de estudo, foram os alunos e professores das duas escolas e as amostras foram o conjunto de dados recolhidos, através dos questionários. Na população analisada, no Brasil, existiam três profissionais formados na área da Educação Física e, na China, dois sem formação acadêmica. Cabe destacar, que foi de grande valia e muito enriquecedor dentro da pesquisa, toda a experiência vivida na China. Os dados obtidos das entrevistas foram agrupados nas conclusões dos trabalhos através das categorias de análise: quanto ao conceito de esporte, trato pedagógico do esporte (transformações ou adaptações), disciplinamento e medo na forma de ensinar, formação acadêmica, conceito criança/infância. Partindo desta pesquisa exploratória, surgiram muitos outros temas a serem abordados em outros estudos da temática.

Palavras chaves: Esporte. Criança. Cultura. Brasil. China.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 07 |
| 1.1 Objetivos | 09 |
| 1.1.1 Objetivo Geral..... | 09 |
| 1.1.2 Objetivos Específicos..... | 10 |
| 2 METODOLOGIA | 10 |
| 2.1 Limitações do Estudo | 12 |
| 3 BATE BOLA COM OS AUTORES: SOBRE ESPORTE, CULTURA ESPORTIVA, INFÂNCIA E O SER CRIANÇA | 12 |
| 3.1 Pares dialéticos dos jogos e do esporte | 16 |
| 3.2 Esporte/Educação Física | 18 |
| 3.3 Possibilidades de transformações da lógica do esporte | 19 |
| 3.4 Criança/Infância | 21 |
| 3.5 Criança/Esporte | 23 |
| 3.6 O Futebol | 25 |
| 4 UM POUCO DO ORIENTE (CHINA) | 26 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 32 |
| 5.1 Entrevistas aplicadas aos educadores e profissionais no colégio Barddal (Brasil) e no Guoan Futebol Clube (China) | 32 |
| 5.2 Entrevistas aplicado às crianças que participavam da escolinha esportiva do Barddal e do clube Guoan na China | 41 |
| 5.3 Análise Complementar..... | 48 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

1. INTRODUÇÃO

O problema central da pesquisa surgiu durante o período de estágio não obrigatório, realizado pelo pesquisador, no Colégio Barddal em Florianópolis-SC e, posteriormente, em um clube da China (Guoan Futebol Clube). No primeiro, havia escolas de diversas modalidades esportivas e no segundo lugar, em Beijing, era um clube profissional, com escolas de base, para formação de futuros jogadores.

Durante a realização da primeira experiência, notou-se que as aulas eram baseadas na necessidade do vencer, de competir, em ser o melhor. Mesmo sendo um trabalho desenvolvido com crianças, a busca da formação visava sempre a vitória. O futebol visto como arte, como possível ferramenta de cooperação e meio enriquecedor no processo de ensino aprendizagem, passava longe das proposições dos agentes do processo, visto que, os maiores incentivadores para que as crianças sempre buscassem as vitórias, acima de tudo, eram os próprios pais e educadores. Muitas vezes, crianças choravam copiosamente devido a perda de um simples jogo. Desta forma, é preciso pensar e refletir sobre a lógica presente no ensino formal do esporte. Hão de existir outras maneiras de ensinar o esporte às crianças.

No país onde mora atualmente, China, Beijing, após sua adaptação (idioma, costumes, etc..), o pesquisador realizou seu primeiro trabalho na área do ensino-aprendizagem no futebol. Embora se tratando de outro país, com outros costumes e diferente cultura, percebeu-se nas crianças que prevaleciam a necessidade do ganhar, de ser o melhor. Assim sendo, o pesquisador buscou elementos durante esta última experiência, baseados na relação competitiva presente na educação atual, a fim de colocar em discussão e, quem sabe, vislumbrar novas saídas.

Dentro das experiências, o elemento central desse estudo se vincula à dicotomia entre crianças e a prática de esportes, dentro de uma escola no Brasil e de um clube na China.

Dessa forma, o problema de pesquisa é: Identificar se há diferenças entre os elementos sócio-culturais do ensino do esporte/futebol para crianças, comparando duas realidades de ensino, uma no Brasil e outra na China.

Vivenciando as práticas nos dois lugares e preocupado com a formação do ser (humano), em outras bases, do caráter, dos valores – seja essa formação no campo físico, intelectual, moral, do ser social em sua totalidade – é importante ressaltar que não devemos negar a técnica, o esporte normativo ou de rendimento, pois sem tais elementos não teremos esporte. Entretanto, a relação social na qual esses elementos, ao invés de serem apropriados pelo ser humano, acabam submetendo-o, colocando-lhe não como sujeito, mas como objeto, como fruto não da técnica, regras ou rendimento em si, mas sim de um conjunto de relações sociais alienadas e alienantes, resultado da sociedade de classes. A questão é o processo de ensino do esporte tradicionalmente transmitido às crianças através das práticas de escolinhas de clubes e escolas, suas direções e orientações, visando o Princípio do Rendimento e da competição.

Acredita-se que não é possível seguir a prática e a lógica mercadológica jogada a todo o momento em nossas vidas. E neste momento, acredita-se que, como profissionais e, acima de tudo como seres humanos, possuímos condições de reavaliar e melhorar as práticas e as formas deste sistema e, com isso, enfatizar de forma positiva a formação de caráter e moral das crianças de hoje.

Vivemos numa sociedade que trabalha com a lógica do ter em detrimento do ser, onde as dicotomias como: gordo x magro, feio x bonito, ganhar x perder, rico x pobre, estão presentes em todos os momentos de nossos dias. Ser competitivo, buscar sempre a vitória, faz parte da ideologia imposta pelo sistema vigente e dominante. Os donos dos meios de produção trabalham com uma “encucação” e naturalização de determinados valores e ideais.

O homem e sua essência não é construído de maneira isolada e sim através de suas vivências e relações sociais. (MARX; ENGELS, 2007, p. 538, apud MELLO, 2009).

Portanto, somos seres histórica e culturalmente construídos, nossos hábitos, forma de pensar, modo de agir, não aparecem ou surgem do nada. É importante entender que o esporte, o futebol, a infância, a escola, fazem parte de todo esse processo de construção do ser social. Nesse sentido, é possível afirmar que a Educação Física vem atendendo de forma geral as necessidades da classe dominante. Partindo das elaborações de Castelani Filho (1993) podemos entender a história da Educação Física a partir de períodos os quais refletem relações pedagógicas entre educador-educando, paciente-médico (período

higienista, soldado-recruta (período militarista), e relação técnico-atleta. Em todos esses períodos, que não se dão forma única, mesclando-se as tendências entre si, com supremacia de uma característica hegemônica no período, a Educação Física tem servido para produzir corpos dóceis, produtivos. Assim tem sido também o ensino do esporte de forma hegemônica para crianças.

Assim, torna-se importante entender como se dá a relação do esporte e as crianças, desenvolvidas sob bases capitalistas, compreender e buscar novas formas para possíveis transformações dessa relação atual, a qual tem criada uma imagem do esporte de rendimento, do simples fato de ensinar gestos técnicos estereotipados, sem mostrar o comprometimento com o desenvolvimento das relações humanas em prol de possíveis superações ao entender a complexa temática esporte-criança-sociedade. É de suma importância ampliar as dimensões e o potencial de humanização enquanto experiência do ensino de escola de esporte infantil, para isso é essencial passar por transformações no processo de mediação educacional, assim descrito por Kunz:

Em escolas de aprendizagens, ocorre a padronização do gesto motor, tendo como idéia o esporte de rendimento. Com isso, todos os movimentos realizados são recebidos e aceitos como uma forma quase que natural de tudo que envolve o movimento humano. (KUNZ, 1991). No entanto, um horizonte de movimentos significativos pode ser eliminado para a vida das pessoas pela Educação Física. O movimento dentro de qualquer atividade numa aula deve ser visto e interpretado como expressão humana, como função dialógica na relação homem/mundo.

Portanto, a forma como tem sido conduzido o ensino dos esportes para crianças, elimina uma série de possibilidades de interpretar o movimento como expressão humana e diálogo do ser humano.

Para isso busca-se uma concepção para o conceito de criança que embase o ensino superador do esporte e futebol tradicional. Identifica-se elementos que tem sido considerados centrais nos processos convencionais de aprendizagem do esporte para crianças (pela Educação Física ou nos países em estudo). Faz-se isto trazendo para o texto elementos histórico-culturais da prática de jogar futebol, no mundo da vida de crianças e adultos. Para então identificar se há diferenças entre os elementos sócio-culturais no processo de ensino aprendizagem dentro das duas realidades, Brasil e China. Tendo a busca de responder pergunta central do trabalho, e buscando possíveis reflexões sobre o tema proposto, justifica-se a elaboração do trabalho e seu tema.

1.1 Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Identificar se há diferenças entre os elementos sócio-culturais no processo do ensino do esporte/futebol para crianças, em duas experiências, uma no Brasil e outra na China.

1.1.2. Objetivos Específicos

- a) Pesquisar na literatura uma concepção para a infância e o ser criança, objetivando embasar o ensino do esporte/futebol
- b) Analisar elementos que orientem o processo de ensino aprendizagem do esporte para crianças.
- c) Descrever alguns elementos sócio-culturais da China.

2. METODOLOGIA

Todo o processo da busca da pesquisa teve início com as experiências ocorridas no decorrer do curso e da vida. Foram surgindo indagações, inquietações, que haviam necessidade de ser estudadas. Em um primeiro momento foram feitas observações participativas, uma vez que, eram realizadas intervenções diretas e indiretas, tendo assim um contato direto com a realidade dos atores sociais.

Posteriormente foram realizadas entrevistas com os professores e alunos em dois locais. O primeiro local da pesquisa de campo situa-se no bairro da Trindade, na cidade de Florianópolis no Colégio Bardal, um local amplo com uma boa estrutura para a prática de esporte. O Colégio possui duas quadras poliesportivas, um quarto para os materiais, com boa qualidade de bolas de futsal, basquete, vôlei, tênis, cones, cordas, entre diversos outros tipos de materiais. O bairro é considerado de classe média, bem localizada e com boas condições de acesso.

O espaço que é utilizado para as aulas de educação física e também para o projeto das escolinhas esportivas. Os professores da disciplina de Educação Física da escola são os mesmos do projeto das escolinhas esportivas e o que chama mais atenção, é que em suas atuações não parece haver muitas diferenças na metodologia usada nas intervenções, trabalhando sempre com a lógica do esporte competitivo.

A segunda busca no Guoan, terceiro maior clube de futebol profissional da China, na cidade de Beijing. No espaço encontra-se um bom centro de treinamento e ótimas condições de trabalho. Destaca-se que os jogadores/ alunos moram no centro de treinamento e passam a semana inteira no clube. O local é composto por quatro campos profissionais de futebol, em ótimas condições. Na equipe de trabalho não existe nenhum profissional formado em Educação Física, são professores que possuem uma história no futebol local.

Após as realizações dos questionários, e com dinâmica de estudo para realização da pesquisa, pode-se dizer que a mesma, caracteriza-se por descritivo-exploratória.

Quanto aos entrevistados na instituição do Brasil (Colégio Bardal), o grupo era composto por três profissionais da área de Educação Física, onde cada um trabalhava com um tipo de esporte. A faixa etária dos alunos compreendia entre 7 a 12 anos. Já no segundo caso, na China existia um grande número de funcionários, nas divisões de base, havendo profissionais que não eram formados em Educação Física e um preparador físico que já foi jogador profissional do futebol chinês. Nesse caso, praticamente todas as pessoas envolvidas possuíam alguma experiência no futebol, seja como jogadores ou como treinadores, porém, a formação acadêmica não existia.

Para a realização da pesquisa foram elaborados dois roteiros de entrevistas, (em anexo). No primeiro, oito perguntas destinadas aos professores e no segundo com seis perguntas aplicadas para as crianças. Os questionários foram dirigidos com questões abertas e realizados pelo pesquisador. Também foram realizadas observações participativas que auxiliaram nas análises e interpretações.

Hayman (*apud* NEGRINE, 1999) afirma que a pergunta aberta possibilita qualquer tipo de resposta, sendo utilizada quando se quer obter informações mais profundas e quando não se tem idéia de qual será a resposta. Fazendo isso será dada liberdade para que os participantes possam responder livremente as questões, o que será muito mais útil ao tipo de pesquisa proposto, pois teremos maior número de informações para fomentar as discussões acerca do estudo, pois no questionário aberto as respostas não são tão limitadas como no questionário fechado.

Os dados do Colégio Bardal foram obtidos no semestre de realização da disciplina do anteprojeto de monografia (segundo semestre de 2005). Posteriormente, em 2007, morando na China e trabalhando em uma escolinha de futebol, realizei também observações, já visualizando utilizar para o meu trabalho de conclusão de curso.

As análises serão feitas com toda a ajuda do corpo do trabalho, e com as respostas obtidas nos questionários. Primeiramente serão realizadas as perguntas aos professores e aos alunos, e posteriormente acontecerá uma reflexão (análise) tentando pegar as respostas e comparar de acordo com alguns eixos definidos pelo pesquisador, como: Conceito de esporte, Trato pedagógico do esporte (transformações ou adaptações), conceito de criança/infância, entre outras possibilidades) dentro das duas realidades pesquisadas.

2.1. Limitações do Estudo

O estudo encontrou limitações no tocante:

a) Ao tempo que foram realizados os questionários, visto que, não foi algo recente. Aconteceu no decorrer da realização do curso (2005), desde que resolvi trabalhar o tema proposto;

b) a elaboração dos questionários, pois como foram executados nos períodos de estágio e trabalho, existindo uma grande convivência com os entrevistados, por isso, possivelmente ocorreram algumas perguntas que acabaram direcionando as respostas das pessoas;

c) no caso da China, mesmo com um tradutor, havia dificuldade no idioma e também na forma de realização das perguntas.

d) a grande dificuldade de trabalhar com duas realidades culturais tão diferentes, Brasil-China. Mas ao fato de trabalhar com crianças e com o esporte (este globalizado e buscando difundir sua lógica mercadológica), enxerguei ótimas possibilidades de execução do projeto de estudo.

3. BATE-BOLA COM OS AUTORES: SOBRE ESPORTE, CULTURA ESPORTIVA, INFÂNCIA E O SER CRIANÇA

Este capítulo tem por objetivo aprofundar conhecimentos sobre o esporte, a cultura esportiva, a infância, a criança. Dentro desses temas e com uma constante conversa com os autores, iremos trabalhar os assuntos de forma interligada.

O conceito de ser humano como um ser histórico, frutos de suas relações, que o mundo capitalista tende a impor, frente às múltiplas realidades culturais, que gera um padrão cultural hegemônico e portador de valores que lhe interessam entre eles, a competição, são características marcantes nos nossos dias.

A existência de outras possibilidades de pensar um mundo globalizado, ou seja, pensá-lo em uma ótica de mundialização, seu ordenamento em escala global a partir de práticas com valores mais nobres como a amizade, a solidariedade, a cooperação, a harmonia, a divisão mais igualitária das chances de sucesso das experiências vivenciais também são opções históricas viáveis.

Construir um cenário superador ao que se coloca como realidade internacional passa pela compreensão crítica do que existe e é hegemônico, em diálogo com as múltiplas alternativas e resistências a esse modelo dominante já existente é um desafio. Os processos capazes de fazer a passagem de uma realidade ainda perversa à outra mais generosa são processos educacionais, que, para se efetivarem, necessitam de horizontes pedagógicos que permitam conceber novos dados sobre as realidades educacionais.

A imagem que se tem hoje do esporte oferecido para as crianças, aos adultos ou até mesmo aos idosos, são imagens do esporte de alto rendimento, são imagens veiculadas na televisão, rádios e na mídia em geral. Que criança não gostaria de ser um jogador de futebol? Será que ela já nasce querendo ser um jogador?

A esse respeito, assim salienta Bratcht (1986, p. 64):

Precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização através do esporte estão relacionados com sistemas de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte.

Através da lógica de esportes que viemos explicitando, podemos afirmar que: o esporte educa, porém a educação significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão a se adaptar a sociedade capitalista. Resumindo, essa educação de hoje “leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade capitalista” (Bracht, 1986, p.65).

O esporte de rendimento tem a competição e a concorrência como princípio de sua organização e funcionamento. Sendo orientando a partir do modelo olímpico do mais veloz, mais rápido e mais forte (Citius, Altius, Fortius).

O ensino da cultura esportiva é na modernidade um tema muito relevante mundialmente. Entre as inúmeras questões que envolvem a temática do ensino da cultura esportiva, seu oferecimento as crianças é de extrema relevância.

É da compreensão do que é e pode vir a ser o esporte, transmitido para o ser humano, para as crianças, que podemos pensar em múltiplas possibilidades para o ensino do esporte e sua cultura. Conhecer um pouco de sua construção humana, sua história geral, do que já foi e ainda é, é de elevada importância para entendermos todo o quadro atual.

O esporte é uma das possíveis materializações da cultura corporal ou movimento humano, cujos princípios ofertam duas características, a sobrepujança (competição obrigatória) e as comparações objetivas (normas determinadas por agentes externos-sistema olímpico internacional). Sendo atualmente um produto altamente valorizado, exigindo cada vez mais dos “atletas humanos” e passando cada vez mais imagens de sucesso, de saúde, do homem como vencedor.

Para descrever os princípios e as tendências que têm determinado as práticas esportivas, Kunz, que ressalta bem os princípios e algumas tendências do esporte moderno, salienta: princípio da sobrepujança, onde qualquer um pode vencer em confrontos esportivos, buscando a vitória para sobrepujar o adversário; princípio das comparações objetivas, onde ocorre certa padronização dos locais de disputa e necessidade de normas e regras universais que devem ser respeitadas; tendência do selecionamento, selecionando os alunos por suas capacidades e muitas vezes os separando por idade, sexo e biótipo; tendência da especialização, tendo uma grande redução do repertório de ofertas, buscando

um alto grau de rendimento; tendência da instrumentalização, a necessidade dos acréscimos na performance, para o sucesso esportivo. (KUNZ, 1989, p.64-65).

As conseqüências pedagógicas concretas advindas desses princípios e dessas tendências promoverão uma grande seletividade, exclusão e hiper-especialização para sua prática. Seu oferecimento às crianças da forma como se apresenta hegemonicamente “emoldurado” pela sociedade, gerará um processo de humanização restrito.

Sendo assim, ampliar as dimensões e o potencial de humanização enquanto experiência do ensino dentro de escolas de esporte infantil passa por transformações no processo de mediação educacional. Transformar o esporte é diametralmente oposto de adaptá-lo às experiências infantis. A adaptação pedagógica dos esportes às crianças, via de regra, é insuficiente porque não toca nos pilares estruturantes do projeto que o sustenta. Quando faz só troca a moldura, mas o conteúdo principal continua o mesmo.

Em direção diferente à adaptação defendemos transformações didáticas do esporte, a fim de torná-lo educacional e significativo a seus praticantes, entre eles as crianças.

Os autores do livro “O coletivo de autores” fazem algumas definições interessantes, buscando mostrar como é importante trabalhar com o esporte, como produção histórico-cultural “o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar” e” as características com que se reveste (...) revelam que o processo educativo por ele provocado, reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sociais” (Coletivo de autores, 1992.p.70).

Mesmo que os temas como esporte, infância, cultura esportiva estejam o tempo todo interligados, cabe nesse momento contar uma pequena história, buscando mostrar outra visão (possibilidade) sobre o esporte, sua grande capacidade de transformações sociais e possíveis formas de utilização nas escolinhas esportivas, escolas e na vida. Para exemplificar como é possível ver o esporte de outro modo, citaremos Max Wertheimer, relatando em um dos seus livros, *O raciocínio produtivo* (1957) uma história que podemos vivenciar nos nossos dias:

Wertheimer ouve, pela janela de seu gabinete de trabalho, dois meninos jogando badminton. Um dos meninos conta, em voz alta, o score do jogo: 10 x 1, 11 x2, 16 x 2, 18 x 2, etc. E explode em expressões de entusiasmo: Ponto, outro ponto; dei uma surra em você; Veja só como eu faço; etc.

De repente, termina o jogo. Wertheimer observa pela janela como o menino menor joga a raquete no chão, senta-se num tronco de árvore e começa a chorar. O outro se aproxima e diz: Venha, continue a jogar comigo. - Não, não quero mais, responde o menor. - Você é um desmancha prazer, diz o maior. Só porque você não é tão bom e porque não sabe perder, você pára de jogar. - Eu não quero mais, não tenho prazer nisto. Diz o menor. O maior xinga fala mal e ameaça: tudo isto sem sucesso. Finalmente, se acalma e senta-se ao lado do companheiro. Com isto termina o jogo.

Pela mímica do menino maior pôde-se deduzir que algo se passava nele. De repente, deu um pulo e disse: - Sabe de uma coisa, isto não era jogo certo. Eu recebia todas as bolas (petecas) e você nenhuma. Agora vamos brincar fazendo com que a peteca permaneça o mais possível no ar. Venha depois de hesitar um pouco o menino menor se levanta: De alguma maneira parece ter-se convencido do que lhe foi dito e o jogo se reinicia.

Na história relatada acima, houve não uma adaptação, mas uma transformação do esporte. Os adversários quando o jogo era pontuado pelos códigos da competição entre ambos, transformaram-se em parceiros e passaram a realizar relações de cooperação, nas quais o menino maior, mais habilidoso usa sua técnica para facilitar as ações do outro menino; Os dois passam a jogar como companheiros contra um desafio comum aos dois, a força de gravidade; o desafio passou a ser não deixar a bola cair e ambos passaram a desfrutar chances de sucesso de jogar.

Esse exemplo mostra eixos muito importantes para o trato pedagógico do esporte tradicional, transformando as relações de sobrepujança em cooperação e alternando também o princípio da objetividade ao alterar as regras do jogo e, finalmente por possibilitar chances de êxito aos integrantes do jogo, mesmo que eles tenham competências técnicas diferentes e heterogêneas, mas o fundamental à destacar desta experiência é que as crianças até chegarem a forma de jogar descrita, passaram por uma experiência (passaram por um processo educacional).

Portanto, o ensinamento dos esportes em tal dimensão inicial refletirá elementos culturais indesejáveis da cultura esportiva forjada muito através da mídia, tendo o educador, que ao longo do processo, fornecer conhecimentos do âmbito mais geral dos esportes, bem como mediar um processo dialógico que leve as crianças a compreender e experimentarem-se em outras alternativas que lhes possibilitem mais qualidade, alegria, ludicidade, cooperação e sucesso aos participantes. Ou seja, ao mudar o jogar, também se perspectiva mudanças sociais, pois proporciona novos valores aos praticantes (alegria, cooperação, diálogo, cumplicidade, solidariedade).

O esporte, Segundo Cagigal (1966), antes de tudo, deve ser um jogo, entendido como sinônimo de ludicidade, isso porque, para o autor, o movimento mais enriquecedor é o de caráter espontâneo lúdico.

Ainda com base nesse exemplo, trata-se de um acontecimento singular e a mudança lógica de uma instituição social como o esporte não passa apenas pela questão da vontade de quem joga em lugares isolados, sendo um processo social mais amplo e complexo; sem isso, sua análise fica idealista e reduzida.

Continuando o processo de busca de maior compreensão do esporte, e tendo em mente a necessidade de trabalhar a questão da Escola/Educação Física, visto que, uma das minhas experiências se deu dentro de uma instituição educacional (Escola Bardal), sendo bem importante um maior entendimento dessa relação instituição escolar/Educação Física/Esporte. Os próximos tópicos da pesquisa vão seguir esse caminho.

3.1. Pares dialéticos dos jogos e do esporte

No esporte, a competição é a condição para a prática acontecer. Ao mesmo tempo a cooperação é fundamental, pois mantém os mínimos parâmetros para a prática esportiva. Através das relações dos sujeitos pode-se perceber que valores de competição e cooperação estão envolvidos no ambiente dos esportes. São pares dialéticos que necessitam ser equilibrados.

A competição e a cooperação são dois processos distintos, mas não muitos distantes. Como trabalhar com eles, quais os valores ensinados nas práticas, qual o meio e o fim que se busca no processo de ensino- aprendizagem, entre outras indagações que mostraram qual o caminho que pode ser seguido. Para isso podemos utilizar alguns autores, suas definições e suas reflexões sobre os processos de cooperar, competir.

Segundo Brotto (1997, p. 33), cooperação: é um processo onde os objetivos são comuns e as ações são benéficas para todos e competição: é um processo onde os objetivos são comuns, mutuamente exclusivos e as ações são benéficas somente para alguns.

Para Orlick (1989, p.118), a principal diferença entre cooperação e competição é que no primeiro todos cooperam e ganham, eliminando-se o medo do fracasso e aumentando-se a auto-estima e a confiança em si mesmo. Ao passo que no segundo, a valorização e esforço são deixados ao acaso ou concedidos apenas ao vencedor, o que gera frustração, medo e insegurança.

Como consequência da competição, destaca-se:

Seria como um cantor que, sozinho, canta sua canção, e com ela fica feliz. Ou um dançarino, um escultor ou artesão. De repente, surge alguém que faz a mesma coisa. E as pessoas começam a dizer para o primeiro artista: "Esse fulano, que acaba de chegar, canta, dança ou esculpe melhor do que você". Assim surgem as comparações, que geram competições. E essas competições vão ter como consequência uma desenfreada busca pelo poder. Surge um conceito de posse. Surge a coisificação do ser humano. (CHALITA, 2006).

A competição, sob essa visão, não leva à melhora, mas à busca da destruição. Leva a falta da espontaneidade. Porque tudo o que se objetiva é conseguir ser melhor do que o outro.

O esporte trabalha dentro do competir e cooperar. Quando o caminho maior é a competição, tal processo leva muitas vezes, a um exagero do competir, e a vida caminha na mesma direção desde cedo: "Quem é o melhor ou quem é o bom?" "Quem sabe mais?" "Quem consegue vencer?". Ambientes que eram para propor outros valores caminham apenas para o competir.

Dentro das duas experiências, no clube e na escola, pode-se verificar uma disputa que já começa com os pais, incentivando e obrigando os filhos muitas vezes a serem os melhores, a sempre vencer e superar limites acima de tudo. Evidentemente que não existe somente esse caminho, já que, a cooperação, a solidariedade e a ajuda mútua são exemplos que se deve ampliar e desenvolver em nossas crianças e nas nossas vidas.

O esporte é um fenômeno social que pode ter duplo sentido, de um lado, pelo fair play, pelo companheirismo, pelo respeito aos mais fracos, etc. ele pode fomentar a anti-barbarie e o anti-sadismo social, mas por outro lado, através de muitas de suas formas e processos de desenvolvimento, (treinamento e competição), ele poderá promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, e isto tudo, muitas vezes, numa dose maior em pessoas que nem se dedicam a ele de forma prática, com todas as suas exigências e disciplinamentos, mas como meros espectadores" (ADORNO apud BRACHT, 1992, p. 96).

3.2. Esporte/Educação Física

Para muitas pessoas, pode-se dizer que esporte e educação física são quase sinônimos, visto que, é a forma na qual é transmitida nas escolas, escolas esportivas, clubes e até mesmo em espaços de lazer. As crianças conhecem e praticam nas escolas a educação física dentro das quatro modalidades esportivas mais conhecidas, basquete, vôlei, futebol e handebol, sendo sempre usados os métodos tradicionais hegemônicos. Não é intenção negar o esporte como possibilidade para a educação física. Jogar futebol, vôlei, é sempre

muito válido, porém é preciso proporcionar situações que contribuem com uma maior riqueza de movimentos, cultura corporal e um desenvolvimento social dos alunos. Tendo os mesmos o esclarecimento sobre as origens e conseqüências do tipo de prática e seus valores.

É necessário ficar claro que a Educação Física não é o mesmo que esporte, e é preciso questionar a concepção norteadora, a fim de tentar humanizar suas relações e suas práticas.

Seguindo Kunz (1991), não temos a intenção de reforçar a prática esportiva de forma descompromissada, alienante e acrítica.

O esporte possui uma riqueza muito grande de saberes e não é necessário desprezar, na verdade seria uma ignorância caminhar nesse sentido. Todavia, o esporte não pode ser o único conteúdo da Educação Física e sim considerado como mais um conteúdo a ser trabalhado.

Entretanto, a Educação Física na escola passou a ser confundida com esporte, o que sem dúvida comprova a falta de definições claras dos objetivos, dos conteúdos e métodos da disciplina, bem como carece de argumentos plausíveis para explicar a sua permanência no currículo escolar. (BRACHT, 1992).

É possível e inteligente utilizar o esporte como conteúdo nas escolas, nas escolinhas esportivas, nas aulas de Educação Física e na vida. Porém é necessário superar essa tendência hegemônica, onde o jogo ocorre sempre contra o adversário, transparecendo a questão da sobrepujança, seleção e especialização. Deve-se enxergar a possibilidade de uma superação, onde a cooperação e participação de todos existirão, além da divisão de papéis e uma grande aquisição de saberes, transformando assim os adversários em companheiros.

Como possível conseqüência de uma visão mais crítica e transformadora do esporte, pode-se perceber uma aprendizagem esportiva, através das experiências de vida dos alunos, seu contexto socioeconômico e cultural, proporcionando ao aluno o papel de parceiro no processo de ensino aprendizagem, deixando de lado o único papel de executante das atividades.

Em todo esse processo da busca de um esporte mais humano, de uma aprendizagem baseada em valores menos competitivos, é importante visualizar a possibilidade de estimular os jogos, brincadeiras, já que esses podem se configurar em atividades totalmente livres, estimulando e proporcionando aos participantes o prazer de criar e construir juntos.

Em diversas línguas e lugares, brincar e jogar podem ser considerados sinônimos, tendo os dois, uma grande importância no desenvolvimento e nas relações sociais das crianças proporcionando possibilidades de novas descobertas no decorrer de todo processo.

Porém, esse jogo, ou essa brincadeira, atualmente estão se tornando cada vez mais sérios, seguindo os moldes impostos pelos interesses de alguns. A busca incessante pelo resultado dentro do esporte que é reproduzido consegue, muitas vezes, eliminar grandes possibilidades de avanços no processo educativo.

De acordo com Volpato (2002), o jogo foi sendo historicamente esportivizado, em virtude de acontecimentos econômicos, políticos e sociais. Neste processo, a supervalorização do esporte *performance*, muitas vezes, leva os profissionais a não perceberem a dimensão educativa do jogo.

3.3. Possibilidades de transformações da lógica do esporte

Antes de mostrar possibilidades de transformações da lógica do esporte, cabe mais uma vez ressaltar que o mesmo não pode ser analisado isoladamente. O esporte reflete o modelo de sociedade do mundo capitalista. Somos cobrados a todo o momento por resultados nos estudos, no trabalho, nas relações de uma forma geral. Ou seja, precisamos solucionar os problemas com competência e buscar sempre um bom rendimento, sendo condição para se obter o sucesso.

Rendimento na escola, no clube, no emprego, é algo que está presente na sociedade. Desde pequenas, as crianças são cobradas pela sociedade para ter rendimento, para superar, serem vencedoras, seja em que área for (música, dança, ou jogos informais). Mas é possível visualizar boas perspectivas de mudanças positivas através da aprendizagem no esporte.

O rendimento pode vir a ser algo possível, mas não obrigatório. Ter-se-ia um ambiente mais saudável, mais lúdico, com menos pressão e com maior poder de aprendizagem, indo além da prática desportiva, mas constituindo o processo de formação do ser.

Retomando a história do livro o raciocínio lógico, anteriormente contado por Wertherimer (página 15), vê-se que uma simples mudança na lógica do jogo é capaz de transformar algo que era ruim para um jogador (o mais fraco) para algo que passou a ser bom e gostoso para os dois participantes. A prática passou a ser estimulante para os dois

meninos e ainda pode-se perceber que eles continuarão buscando um rendimento (objetivo), só que dessa vez cooperando um com o outro.

Pedagogicamente falando, é possível enxergamos o esporte de uma forma mais ampla. Estudar o esporte é analisar o homem, seu movimento e suas formas. Por isso, para buscar transformações dentro dessas práticas deve-se ampliar os horizontes.

Segundo Dietrich e Landau (1990, p.88), todas essas atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extra-esporte (ou no sentido mais amplo do esporte) e que pertencem ao mundo do se movimentar humano, o que o homem por esse meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta, seu comportamento e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações a “tudo isso podemos definir como a *cultura do movimento*”.

O movimento humano, do ponto de vista antropológico, deve ser interpretado como um “diálogo com o mundo”. O movimentar-se do homem é sempre um diálogo com o mundo, onde o ser humano que se movimenta deve ser analisado de forma integral, como ser humano. “Não são corpos que correm, saltam e brincam, mas sim seres humanos que se movimentam”. (GORDJIN, 1970 apud TAMBOER, 1979, p. 132).

Para Elenor Kunz (1994, p.103):

- 1- A excessiva racionalização do mundo dos esportes, como outras formas da cultura do movimento, sob o ponto de vista da quantificação dos padrões de rendimento motor, não podem ser considerados como parâmetros para o profissional formado em um curso de Educação Física essencialmente voltada para atuar com o esporte do contexto escolar.
- 2- Entendo que: pelo movimento humano, podem existir múltiplas possibilidades e formas de um “compreender-o-mundo-pela-ação”, ou seja, de uma abertura para o mundo e possibilitar auto-experiências que por si ‘só, já apresentam impulsos suficientes para um significativo desenvolvimento de crianças e de jovens. O movimento reanima a linguagem corporal necessária à auto apresentação, bem como, para a apresentação de algo.
- 3- Entendo ainda, que o movimento humano é sempre significativo e funda sentidos e significados. Os movimentos são detentores de significação e podem se condensar num sistema de significação como é o caso da dança, do teatro e do próprio esporte. Explorar e utilizar o sentido das culturas Do movimento dessa forma, entender-se sobre e através destas formas culturais do movimento, é sem dúvida um objetivo de RENDIMENTO, mas, de extrema importância na atuação do profissional da Educação Física e sua prática pedagógica, mesmo que esta se efetive essencialmente pelo Esporte Escolar.

Tendo em mente que o esporte atual, fica evidente que as possibilidades de transformações abrangem mudanças em todos os setores. Dentro da lógica, na qual o esporte é trabalhado com as nossas crianças, passa a ser importante tentarmos vislumbrar novas saídas, utilizando é claro tudo que já existe de positivo dentro da prática desportiva.

Possivelmente, seria de grande valia, Rever os currículos das universidades, tratar de impor uma maior carga de leitura, criar novos hábitos, deixando de lado, a impressão de que os alunos de Educação Física vão para um clube, jogar futebol, vôlei e brincar. A procura de leituras mais amplas seja na área da sociologia, psicologia, biologia, para que seja possível o aluno sair enquanto um profissional com uma visão mais holística do ser humano, mais crítico, evitando limitar-se somente ao aspecto fisiológico e técnico.

As conseqüências dessa melhora no processo de formação acontecerão nos momentos de planejar, estudar, ministrar aulas e saber como e porque é importante trabalhar com crianças em faixas etárias diferentes, de acordo com suas necessidades isso sendo um simples exemplo, porque o maior é saber que precisamos formar pessoas mais humanas, mais sensíveis e mais nobres.

Cabe nesse momento, após ter trabalhado o tema esporte, explorando idéias de alguns autores sobre a lógica atual, salientando possíveis transformações e o caráter do “se movimentar” humano, o próximo passo será focar na questão da infância-criança. Tal assunto é de grande relevância, pois em toda a busca e realização da pesquisa, a criança e a infância estão presentes.

3.4. Criança/Infância

Para compreender e analisar o processo de aprendizagem do esporte para as crianças torna-se fundamental entender o mundo da cultura infantil. Cabe lembrar que as experiências deram-se em duas realidades (culturais) bem diferentes. (Brasil, China)

Primeiramente, entender infância e trabalhar com crianças não é tão simples como se costuma pensar. Infância não pode ser considerada com uma fase única e igual para todos, pois, dentro de um país, podemos visualizar infâncias bem diferentes. Por exemplo, uma criança que vive na área rural, possivelmente não terá as mesmas experiências da que mora na área urbana. Essa é uma pequena diferença, entre diversas outras como, classe social, questões culturais e etc.

Quando se fala em infância, a imagem de criança como essência, universal, descontextualizada se apresenta. Porém, é preciso entender que qualquer conceito ou significado, estará ligado diretamente com o contexto no qual acontecem e se desenvolvem as relações sociais, dentro dos aspectos econômicos, históricos, culturais e políticos, entre outros. Sendo que esses aspectos irão constituir os significados e concepções. Portanto não é tão simples buscar uma única definição sobre a infância e criança.

Charlot (1986, p.108), ao estudar a infância tendo como base uma perspectiva social, mostra-nos que “a imagem de criança assume, nos sistemas filosóficos e pedagógicos, as dissimulações do aspecto social dessas contradições, por trás de considerações morais e metafísicas”. Para esse autor “a representação da criança é socialmente determinada, uma vez que exprime as aspirações e as recusas da sociedade e dos adultos que nela vivem”, não é a infância, a partir desta perspectiva, um dado natural (ainda que do ponto de vista biológico a infância se constitua em um fato natural) e sim um dado social, historicamente construído a partir dos interesses sociais, econômicos, culturais, políticos ou outros de uma sociedade, num determinado tempo e lugar.

Já para Silveira (2000), a definição de infância está ligada à ótica do adulto, e como a sociedade está sempre em movimento, a vivência da infância muda conforme os paradigmas do contexto histórico. Dessa forma, a dimensão da construção de uma concepção de infância pelos intelectuais leva a uma questão: os formuladores de uma concepção de infância são, em sua maioria, os adultos. Dessa forma, pensar a infância pode ser buscar algumas evidências articuladas à família e, também, no mundo moderno, à escola.

Segundo o dicionário Aurélio, criança é ser humano de pouca idade. E infância é definida como um período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade. Esta é uma concepção limitada ao aspecto biológico se considerarmos a questão sociológica da inserção no mundo do trabalho, por exemplo, assim podemos dizer que existem crianças sem infância.

Também, no campo da psicologia, podemos lançar mão do conceito de atividade principal, utilizado por Leontiev (1988), para localizar as diferentes fases do desenvolvimento infantil.

Portanto, em cada momento, em cada lugar a criança é vista de uma forma. Para alguns é um momento da vida onde predomina a fantasia e a liberdade, outros acreditam na infância como uma fase que a criança vai ser preparada para o futuro, existindo também aqueles que enxergam as crianças como mini adultos. Por isso, conhecer um pouco do ambiente, da história cultural, de todo o contexto social onde estamos inseridos e trabalhando é imprescindível para buscarmos uma ética de ação com justiça, solidariedade e de um grande espírito coletivo, para que possamos ensinar as nossas crianças, ensinar-lhe, seja o esporte ou a matemática. Todo esse processo de aprendizagem precisa ser visto como algo mais amplo e não limitador, como ocorre no ensinamento do esporte para crianças.

Nessa perspectiva, afirma Freire:

A aprendizagem não deve ser uma transmissão de informações, de técnicas, mas deve ser um processo dinâmico, vivo, que se realiza pelo diálogo como todos os participantes do processo e relacionados sempre a situações locais e as vivências, experiências existenciais dos educandos. (FREIRE, 1991, p. 162).

Sendo assim, deve existir uma dicotomia entre homem e mundo. O importante, não é focar em um dos dois e sim trabalhar em cima de suas inter-relações. Se o processo de aprendizagem for bem acompanhado com pessoas capazes, o esporte se transforma em uma ferramenta fantástica e auxilia aos pequenos um grande desenvolvimento de suas habilidades corporais, psicossociais, educacionais, transformando-as em pessoas mais autônomas, mais críticas e melhor preparadas para a vida.

3.5. Criança/Esporte

No artigo primeiro da carta dos direitos das crianças no esporte, está previsto: “Toda criança tem o direito de praticar esporte”, e o último sublinha “Toda criança tem o direito de não ser um campeão”.

Centenas de milhares de crianças fazem parte de projetos esportivos, principalmente após os Jogos de Roma em 1960. Crescemos assistindo o futebol, vôlei, olimpíadas, copas do mundo, grandes eventos esportivos. Vemos os programas esportivos para as crianças crescendo gradativamente, em clubes, colégios, escolas especializadas, entre outras instituições. Destaca-se que nesses ambientes os eventos esportivos, os treinamentos, as competições, determinadas e estruturadas com base nos modelos de competição de adultos, transformando nossas crianças em mini-adultos e muitas vezes com iniciações bem precoces.

Para a Federação Européia de Psicologia do Esporte (1996), existem alguns motivos que levam a criança a esta prática precoce. Entre eles podemos citar o aumento dos esportes organizados, o próprio interesse das crianças aguçadas pela mídia, o desejo dos pais na busca do desenvolvimento físico e psíquico (socialização) de seus filhos e por fim a busca de talentos, resultando num recrutamento esportivo precoce.

A competição precoce, estimuladas pelos pais e muitas vezes pelos treinadores (educadores), torna-se muito negativa, pois a orientação é voltada exclusivamente para o produto final, ficando o esporte com seus valores competitivos acima da criança/ser humano, e esta sendo vista como uma atleta em potencial, tornado-se um simples objeto do

treinamento. Sem falar ainda, nas grandes possibilidades que são eliminadas em relação ao se movimentar humano, devido à grande especialização praticada desde cedo, buscando com isso um maior rendimento já preestabelecido por um modelo ideal de desempenho.

Para Vargas Neto (1999), a participação de crianças no esporte está além do interesse da própria criança, pois há o envolvimento de pessoas com diferentes interesses e os mais variados conhecimentos, às vezes sem conhecimentos pedagógicos.

Marques (1993) acrescenta que os modelos de treinamento de alto rendimento continuam a ser utilizados na preparação esportiva de crianças e jovens, embora as investigações tenham enfatizado as pressões psicológicas, emocionais, fisiológicas e sociais que as crianças sofrem por não se encontrarem suficientemente preparadas para suportar tais sobrecargas.

Dentro dos dois ambientes de pesquisa do pesquisador, percebe-se que o esporte não se encontra de acordo com as autênticas necessidades das crianças, já que é uma simples adaptação do modelo adulto. É de grande urgência buscar transformar toda essa lógica imposta nos centros de aprendizagem esportiva, para isso é necessário um grande esforço, conhecimento e mudanças no modelo dominante. Sendo fundamental respeitar as necessidades e interesses das crianças, deixá-las livres para buscar o tipo de atividade que as motivem, diminuindo qualquer tipo de pressão exacerbada.

Não pode acontecer que os educadores, treinadores, as pessoas que estão lidando com o processo de ensino- aprendizagem com as crianças antecipem fases do processo de desenvolvimento, submetendo-as ao treinamento intensivo e ao contato e obrigação do vencer como valor supremo da prática esportiva.

De acordo com Constantino (1993), não é mais possível entender o desporto como a procura exclusiva de rendimento desportivo, traduzido no recorde, na marca ou na vitória. Por isso, os seus referenciais não residirão mais no campeão, no talentoso, no fora de série ou no medalhado. Residirão sobretudo nos indivíduos.

Buscar um esporte com práticas democráticas, nas quais os participantes ditos “fracos” não sejam humilhados, subjugados e pressionados em todos os momentos por resultados melhores. Procurar entender e respeitar suas necessidades, possivelmente seja esse um grande passo para algumas transformações necessárias para avanços no sentido mais completo, criança/ mundo/ aprendizagem.

3.6. O Futebol

Nesse momento, não se tem o objetivo de se aprofundar nas origens do futebol, porém cabe destacar a sua origem moderna e seu grande poder de mobilização e disseminação por todo o mundo. A grande facilidade de organizar um jogo de futebol, a sensação de criatividade e liberdade são vistos como um grande fascínio em sua prática.

Pensando numa origem do futebol moderno, em seus primórdios, ocorriam disputas violentas, sendo utilizadas mãos, pés e até paus.

Nas escolas públicas inglesas o jogo de futebol e suas características foram sofrendo alterações ao longo do tempo e se expandindo para o resto do mundo. Em cada lugar desenvolveram-se características próprias, entretanto, com o decorrer do tempo foram se fixando as regras e padrões universais a serem seguidos, iniciando como jogo e terminando como esporte.

O futebol passou a ser um grande atrativo para uma imensa parte da população mundial, sendo hoje praticado em mais de 146 países e para se ter a dimensão da influência desse esporte a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) que possui mais membros que a ONU (Organização das Nações Unidas).

Morris (1881) afirma que existem tribos de futebol em todos os cantos do globo, fazendo desse jogo o mais cativante e vitorioso de todos os tempos. É jogado por mais pessoas e visto por mais gente do que qualquer outro desporto na história da humanidade. É o maior fenômeno esportivo e de massas do século vinte e sua devastadora popularidade não mostra o menor sinal de declínio. Se em alguns países há menos espectadores nos jogos de futebol que antes, isso se deve ao fato de verem mais pela televisão, na qual o jogo de futebol continua a exercer a mesma obsessão. E alguns países, como Estados Unidos, China e Japão, registram uma popularidade crescente desse esporte.

De acordo com todas as características, e toda a excitação que o futebol provoca, cabe entender um pouco do futebol no Brasil, onde começou ser jogado pela elite e hoje em dia é um esporte praticado e adorado por todos. Entender sua utilização social, política, muitas vezes sendo passada a imagem de possibilidade de ascensão social rápida para a classe menos favorecida. Sendo utilizado como meio para manipulações político e ideológico da classe dominante e de crianças.

Em um primeiro momento coloca-se uma forma universal de falar do futebol, mas é importante entender que em cada região, país existe suas características do jeito de jogar,

forma de lidar com o processo do ensinar, importância social, sempre tendo uma resposta de acordo com a construção social.

No Brasil, as crianças aprendem a jogar praticando e em sua maioria longe dos adultos, tal fato ocorre, pela extrema pobreza, por falta de políticas públicas atuantes. Como possível consequência, surge certa espontaneidade, criatividade, malandragem, ginga de corpo, características marcantes dentro do futebol do nosso país. Importante salientar, que esse fato, não necessariamente tenha que ser visto de forma positiva, visto que, interessante seria ver nossas crianças com melhores condições e sendo instruídas por pessoas bem preparadas.

Já na China, o futebol ainda não é um esporte que as crianças “nasçam jogando”, como costumamos falar do Brasil. O processo é um pouco diferente e o país ainda caminha para uma maior expansão da prática. O futebol está em fase de florescimento no país, tendo já um grande número de telespectadores, devido ao incentivo da mídia televisiva e também ocorrendo uma grande influência do futebol inglês. Ao que parece e pela experiência dentro do clube me referindo ao processo prático, à forma de jogar futebol, o gingado, a malandragem, a técnica, aparenta ser diferente dos pequenos do Brasil.

4. UM POUCO DO ORIENTE (CHINA)

A China, no século XIX ainda era um país que adotava sistema econômico semi-feudal, com práticas campesinas e muito pouco comércio com outros países. Porém, por já ter um mercado consumidor expressivo, foi alvo de inúmeras tentativas de invasão, sofrendo as práticas imperialistas de países que já triunfaram em tal período com o capitalismo industrial e liberal. (POMAR, 2003).

A constituição topográfica e o clima do país é extremamente desigual, nem todo o país é habitável, apenas 40%, entretanto, a região habitável é a mesma agricultável, o restante são montanhas elevadíssimas como a cordilheira do Himalaia, e desertos inabitáveis, como o deserto de Gobi. Sendo assim, a constituição da civilização chinesa se deu as margens dos rios mais importantes e em sua planície (área costeira). As atividades estavam relacionadas à agricultura (para os homens) e fabricação de vestimentas (mulheres), para alimentar o Império, embora fosse ele completamente descentralizado (varias regiões com seu império). Nessas regiões, as atividades eram coletivas, e o esporte desenvolvido refletia muito essa idéia de cooperação, e de defesa da área, desenvolvendo as atividades de militares, como lutas, caça e cavalaria e ao longo dos anos, essa região sofreu intensas intervenções estrangeiras. Ao norte, eram nômades devido a condição climática (muito frio no inverno e muito calor no verão). Já ao sul, como o clima é tropical ao longo do ano, a população era sedentária, pouco agressiva, sobrava mais tempo para recreação. Indo para o interior, nas regiões montanhosas a população que se desenvolveu eram nômades, muito pela condição climática, e tinha uma vida mais difícil, o que refletiu na população ali desenvolvida, mais agressiva e basicamente vivia da caça. O resultado foi e desenvolvimento de uma cultura muito forte, porém eclética, com vários idiomas e várias etnias ao longo do país até os dias de hoje. (BROWNELL, 1995).

A estrutura chinesa semi-feudal, se manteve até o século XIX, onde o país foi alvo de inúmeras invasões estrangeiras, e completamente descentralizado, uma necessidade natural de unificação era necessária para manter a unidade territorial, que só foi constituída

em 1949 na revolução comunista com a figura de Mao Tse Dong como líder. Longos anos de Guerra precederam tal marco no país, onde o país foi loteado inúmeras vezes, pelos ingleses (Hong Kong) e Portugueses (Macao), por exemplo, além dos Alemães, Japoneses, sendo que este último a guerra durou muitos anos. (ZHENG, 1999).

Sendo assim, para o país era complicado investir no sistema educacional, melhoria de vida para a população ou na economia como um todo já que o que mais importava em tal momento era manter a unidade territorial, protegendo-se e se defendendo contra as invasões estrangeiras.

Antes desse período e nele também, a atividade física estava estreitamente relacionada com a atividade militar, corrida, salto e atividades marciais são componentes inseparáveis da Cultura Chinesa. Logo, no período do Taoísmo, o elemento “ar” ganha destaque na cultura chinesa sendo elemento principal dos exercícios chineses, pois eles acreditam que no universo, tudo está interconectado e interligado e o ar compõe o corpo, sendo responsável pelas funções físicas do ser humano, conectando o homem com o ambiente que ele vive e essa troca constante entre a parte interna do corpo e o meio externo é o elemento central do exercício. Nos anos 711 AC, essa idéia foi ampliada para o conceito Yin (feminino)-Yang (masculino), como elementos que vivem em constante equilíbrio na natureza como o céu, a terra, o vento, a água e o fogo, assim como na sociedade, como o pai e filho, homem e mulher, macio e duro, o que vem a refletir na personalidade de cada um. O Yin e o Yang, quando balanceados, permitem a perfeita harmonia, e é esse o objetivo. Uma boa saúde, é reflexo do balanceamento desses dois agentes, e a circulação do ar é fundamental para esse equilíbrio. (JINXIA, 2003).

As atividades físicas foram caminhando para esses conceitos, para a harmonia dos movimentos, e a respiração para dar a energia necessária. O desenvolvimento muscular e a beleza não era o objetivo principal, os movimentos imitavam os animais e a beleza externa era menos importante do que as virtudes morais, saúde mental, elementos fundamentais para ter longevidade e saúde. E assim as atividades físicas se desenvolviam em paralelo as atividades militares, focados na longevidade, alcançar a harmonia física e mental, mais atenção as atividades funcionais do organismo ao invés da musculatura, força e vigor, que seriam conseqüências. O Tai ji chuan é o maior exemplo de exercícios que reflete essa lógica chinesa.

Conflito, rivalidade e competição seriam elementos que machucariam essa relação harmoniosa, entretanto, a sociedade extremamente hierarquizado, estratificada, onde o Imperador estabelecia que posição social cada um ocuparia (envolvendo agricultura,

departamento de impostos, cerimoniais, direito, militar e educação), e os conceitos morais e sociais (homens nas atividades físicas e as mulheres no artesanato) isso fez com que o terreno para a competição fosse estabelecido.

Para o esporte, antes do século XIX, desde o período antes de Cristo já relatado, todo o desenvolvimento estava relacionado com as atividades militares, e também como uma maneira de distração social (cavalaria, natação, canoagem, acrobacias, corridas, saltos, danças etc...). No século XIX, até o período que antecedia a constituição da república popular da China (1949), juntamente com as entradas das potências ocidentais em busca de comércio, vieram os missionários, comerciantes, exploradores, fazendo com que de difundisse de alguma forma os conceitos desses países, embora o que realmente tenha acontecido como consequência foi o depósito dessas informações e não o aquecimento industrial, comercial e acadêmico sob tais influências, dada a forte e longa tradição chinesa. (CHINA GUIDE, 2006).

Foram esses estrangeiros que trouxeram para o país novas modalidades de esporte, como basquete, baseball, tênis de mesa, atletismo e ginástica com a concepção ocidental. Há indícios que um esporte parecido com o futebol já seria praticado no país em 37 AC. (BROWELL, 1995).

Em 1890, o país já possuía um quadro de atletas (reflexo das incursões estrangeiras) e 1896 times de basquete. E em 1918, foi estabelecida a primeira universidade para a formação de instrutores de educação física. Já os anos seguintes foram marcados por inúmeras guerras, sendo um período estacionado para o esporte nacional. (WEN, 1963).

Mesmo diante de momento tão delicado, o esporte no país em 1929 através o governo (muito descentralizado ainda) deu um passo significativo, na adoção da “National Physical Education Law”, que previa a obrigatoriedade das aulas de educação física nas escolas semanalmente. Entretanto, isso na prática não representaria muito, já que a grande maioria da população não tinha nenhum acesso ao sistema de ensino.

Para os pobres, que formam uma imensa maioria da população, é interminável luta contra a fome. Levantam-se antes de amanhecer e trabalham até o anoitecer, não têm nenhum dia de descanso no ano ... Para eles, metade de um dia de ócio significa metade de um dia de fome e eles parecem não carecer da falta que se faz do que é chamado de gozo social. (1963, p. 3).

Em 1949, o Partido Comunista Chinês no poder central proclama a República Popular da China, e um imenso trabalho de reestruturação econômica era necessário, pois a

economia estava devastada pela Guerra (principalmente pela Guerra com o Japão em 1938-1945 e pela Guerra Civil de 1946-1949) havia inflação elevada, desemprego, falta de infraestrutura e tensa situação no campo. Essas eram algumas das principais necessidades advindas das consequências do avanço do capitalismo industrial na mais populosa economia oriental. (BELLUCI, 2004).

Uma das figuras principais desse momento no país foi Mao Tze Dong (apud SCHRAM, 1962), como líder nacional ao promover a unificação política e o conjunto de planos para reestruturar o país. E em 1953, ele disse:

new China must care for her young and show the concern for the growth of the younger generation. Young people have to study and work, but they are at the age of physical growth. Therefore, full attention must be paid both to their work and study and to their recreation, sport and rest.

Utilizando sua própria figura, Mao Tse Dong tentava estimular a prática de esporte, para promover a moralidade, intelectualidade e fisicalidade, para transformar os trabalhadores com consciência social e cultural. Para tanto, estimulavam competições com o lema “Friendship first, competition second”, que significa: primeiro a amizade, depois a competição. (RIORDAN, 1978).

Em 1951 esse movimento ficou conhecido como exercício em massa, através da figura de Mao, estimulando as práticas esportivas, com estabelecimento uma lista de tipos de exercícios por dia, onde mesmo tendo ocorrido algumas modificações ao longo dos anos, são realizados até os dias de hoje pelos idosos na China

A adoção de esportes praticados pelos ocidentais também estava ligada ao plano principal de Mao Tse Dong no poder, que eram as 4 modernizações – agricultura, ciência e tecnologia, indústria e defesa nacional. O desenvolvimento rápido do esporte na China está intimamente ligado com o desenvolvimento da Ciência e da tecnologia. Entretanto, nesse período, a China ainda estava fechada para o mundo, sem relações comerciais, e foi em 1978, com a entrada de Deng Xiao Ping, que houve a abertura econômica, uma visão do que seria realmente o esporte moderno praticado pelos outros países.

Essa política de “portas abertas”, adotada no final dos anos 70, foi fundamental para início do crescimento acelerado do país que se mantém até os dias de hoje. A abertura aos investimentos estrangeiros, ao comércio internacional promovendo as exportações, abrindo novas linhas de financiamento, emprego, acumulação de reservas cambiais, trouxe para tal país milenar, a possibilidade de se sentir mais próximo dos outros países e ser

receptivo de forma ainda mais intensa das novas práticas modernas, em termos de produção, cultura e até nas formas das relações sociais. (POMAR, 2003).

Relacionando esse período com o esporte, era um período de investimento e busca de melhorar os índices chineses comparados aos estrangeiros, já que o “esporte é valioso pela sua contribuição econômica, social e militar”, a China promove o desenvolvimento da competitividade do esporte e encoraja aos atletas a melhorarem seus índices e suas habilidades, para elevar o padrão das competições e para elevar a honra do país no exterior.

Como o desempenho do país é desigual, devido à própria constituição topográfica, e dada a tardia abertura econômica, é factível que as regiões mais desenvolvidas fiquem na costa do país, e que o incentivo ao esporte fique mais concentradas nas regiões que possuem mais recursos, mantendo-se a concentração dos esportes globais nessas regiões, e nas outras se mantiveram os esportes tradicionais chineses e próprios de cada etnia. (BROWELL, 1995).

Estabelece-se então, uma nova cultura de esportes, regadas com recursos advindos da abertura econômica, que possibilitou a construção de inúmeros estádios, até mesmo o poder da televisão. Neste sentido, cabe destacar o futebol, embora seja um esporte que está em fase de florescimento no país, é o primeiro esporte que mais gerou telespectadores principalmente devido a ao apoio da mídia televisiva, o que fez girar milhões de dólares no mercado interno influenciado pelo futebol europeu. Além de movimentar a economia esportiva, vieram vários atletas e treinadores estrangeiros, e esse fluxo veio a favorecer outros esportes, como o basquete e o voleibol. Nesse sentido, todos os recursos e apoios fizeram com que a cultura do esporte na maior potência asiática ficasse mais associada ao esporte praticado no ocidente. (WEN, 2003).

Após a abertura econômica, com o próprio incentivo do governo, todos departamentos deveriam ser lucrativos, até mesmo o militar. Essa visão foi ampliada para o esporte, com a entrada das práticas ocidentais e ainda potencializada pela necessidade de desenvolver as facilidades, instalações e equipamentos para prática esportiva.

Hoje, o país reflete não somente no esporte, como em vários setores da economia, o grande “salto a diante”, resultado de mais de duas décadas com crescimento econômico acima de 10%. O país atualmente é uma potência econômica e uma referência esportiva no cenário mundial.

As crianças chinesas de hoje são um reflexo de um conjunto de mudanças drásticas que vem sofrendo a economia chinesa nos últimos 100 anos.

Num país altamente centralizado politicamente, com uma veia militar muito aguçada, onde a maior população do mundo ¹é extremamente vigiada (todos os meios de comunicação na china hoje são filtrados pelo governo – TV, jornais, internet, telefones, SMS, etc.. Soma-se a isso, a política de filho único estabelecida em 1976² para controlar a população tornou essa geração de hoje muito cobrada pelos pais em termos de produtividade e desempenho além de serem muito solitários.

No esporte, há uma dura seleção imposta pelo governo totalitário, peneirando fortemente os mais habilidosos, disciplina militar, investimentos maciços e os resultados são impressionantes em escala mundial.

¹ A população chinesa é de aproximadamente 1,3 bilhões de pessoas.

² Política estabelecida em 1979, com o objetivo de buscar o desenvolvimento econômico e social equilibrado, consiste em estimular o casamento tardio da população jovem e restringir em apenas um filho por casal.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui serão expostos os resultados da pesquisa realizada no colégio Bardal (Brasil) e no Guoan futebol clube (China).

Este estudo visou identificar se há diferenças nos elementos sócio-culturais entre duas realidades esportivas, uma no Brasil e a outra na China. Primeiramente a necessidade é buscar como é, e isso iremos tentar ter através das respostas obtidas. Coloca-se como uma tentativa, porque se acredita que não é possível tirar conclusões precipitadas através somente desse estudo. Posteriormente as respostas obtidas, virão à tentativa de interpretar e caracterizar as respostas de acordo com o problema central da pesquisa e com alguns eixos como o conceito do esporte, o conceito da criança/infância, o trato pedagógico durante a prática, entre outros que possam vir surgindo de acordo com o andamento do processo.

Desta forma e como maneira de organização dos questionários, as respostas obtidas pelos professores e crianças, será colocada na íntegra e identificando quem deu a resposta, por exemplo: Instituição Bardal e professor um, será utilizado professor “B1” e assim seguidamente. Posteriormente, com as respostas dadas, será feita uma análise de cada pergunta, procurando utilizar o conteúdo, conceitos e referências utilizadas ao longo do trabalho, dentro é claro das possibilidades e limitações do pesquisador.

5.1. Entrevistas aplicadas aos educadores e profissionais no Colégio Bardal (Brasil) e no Guoan Futebol Clube (China)

1) Fale um pouco do seu histórico pessoal, profissional com o futebol, esporte?

Com relação à pergunta em questão, foram obtidas as seguintes respostas:

Professor B1: “Sempre joguei futebol e sempre fui bom”, risos. “Por isso resolvi fazer o curso de educação física. Sou formado na UDESC e adoro esporte, pena que não dá muito dinheiro, não é ?”

Professor B2: “Sou formado há 14 anos e trabalho com o futebol e vôlei. Acho que toda criança deveria fazer esporte, pois, é muito importante para o desenvolvimento motor.”

Professor B3: “Sou recém formado e trabalho com crianças e academia. Estou experimentando para ver em que área eu quero seguir. Gosto muito de esporte e fiz o curso de Educação Física porque sempre joguei bem futebol, vôlei, basquete, quase tudo”... risos.

Professor G1: “Trabalho com criança há 12 anos, já fui jogador de futebol e por isso acho que é possível ajudarmos as crianças no futebol com o que aprendemos na carreira.”

Professor G2: “Trabalho no clube há 8 anos e atuo mais na área da preparação física. É importante fazer um trabalho físico, de velocidade, para elas evoluírem desde cedo.”

A partir dessas respostas pode-se tentar fazer a seguinte análise: Essa primeira indagação caracteriza-se por um histórico pessoal de cada profissional, sendo importante para possíveis e futuras análises. Dentro das primeiras respostas, identifica-se que no Brasil os profissionais possuem formação acadêmica e na China isso não acontece. Dentro das duas experiências vivenciadas na prática, sem estudos mais profundos, não é possível perceber grandes diferenças no momento de ministrar as aulas.

Comentário I- É possível que esse fato, possa a vir indicar uma grande fragilidade da formação universitária na Educação Física no Brasil. Além de alicerçar-se em sua experiência pessoal de sucesso, acreditando que todos também gostarão das experiências que para eles (profissionais, formados ou não) foram importantes.

2) Para você o que é esporte? E criança?

Com relação à segunda pergunta do questionário, foram obtidas as seguintes respostas:

Professor B1: “Esporte para mim é saúde e alegria. Criança é a imagem dessa alegria. Todas as crianças deveriam praticar esporte, isso que eu falo para todos os pais.”

Professor B2: “Esporte é algo muito bom para as crianças e nós professores, precisamos trabalhar bem para que as crianças desenvolvam mais a modalidade escolhida.”

Professor B3: “Quem não gosta de esporte? Todos nós gostamos e devemos fazer com que os pequeninos desde cedo criem o hábito saudável de praticar. Podemos ainda perceber que o esporte é capaz de mudar a vida de muitas crianças com alguns projetos sociais”

Professor G1: “Esporte é uma coisa muito boa, principalmente para nossas crianças, O governo na China está incentivando cada vez mais a prática do esporte desde cedo.”

Professor G2: “Esporte é muito importante, você pode perceber que as crianças que praticam são mais espertas que as outras e podem conseguir um futuro melhor. Os pais cada vez mais colocam seus filhos em nossas escolinhas do clube, sabendo que é desde cedo que se aprende.”

Fazendo a análise das respostas, é possível identificar alguns pontos marcantes nas respostas dos profissionais das duas realidades. Primeiramente a ligação entre esporte/saúde/vida. E também é necessário chamar atenção, na questão colocada da possibilidade o esporte como cura dos males sociais. Dentro da China e do Brasil as respostas forma bem parecidas.

Comentário I- Em primeiro lugar, cabe ressaltar aqui, o trabalho da mídia, levando essa imagem e esse ideal de esporte para as crianças, aos adultos, para todos nos, tendo assim uma idéia de esporte universal idealizado. Mas, é possível sim entender o esporte como saúde para nossas crianças, como vida, depende na verdade de que forma iremos olhar. Se esse esporte enxergar a criança como um sujeito cultural e buscar entender e respeitar suas necessidades, isso será muito positivo. Também coloca-se a possibilidade de utilização do esporte como possíveis curas de males sociais.

3) Você poderia descrever o que acha importante se ater para o ensino de esporte/ futebol para crianças?

Com relação a essa questão, foram dadas as seguintes respostas:

Professor B1: “Primeiramente entender que o trabalho é diferente de acordo com a faixa etária, tendo cada categoria que desenvolver mais umas valências físicas, técnicas, entre outras. Depois dessa identificação, cuidar com a intensidade do trabalho de acordo com as capacidades dos pequenos. Criança pode brincar e assim mesmo vai aprender.”

Professor B2: “Buscar entender que as crianças possuem uma menor resistência e por isso ir trabalhando de acordo com o seu desenvolvimento e com o aumento de suas habilidades. Brincar com os pequenos é também importante, porém, é necessário saber a hora da brincadeira e da coisa séria.”

Professor B3: “Diferenciar a faixa etária é fundamental para saber que tipo de trabalho será feito. Depois tentar tirar o que cada criança tem de melhor, desenvolvendo através de brincadeira e momentos de muitas repetições sua parte técnica, motora e social.”

Professor G1: “Sabemos que é importante muita atenção e cuidado para trabalhar com crianças, é fundamental ensinar bem para que elas tenham mais facilidades no futuro. Ter disciplina é muito importante.”

Professor G2: “Em primeiro lugar disciplina e seriedade. Buscar desenvolver todas as capacidades técnicas da melhor forma possível.”

A partir dessas respostas pode-se fazer a seguinte análise: existe um avanço muito interessante no entendimento das diferenças de trabalhar com uma faixa etária ou com outra. Isso é muito positivo em relação ao processo de ensino- aprendizagem das crianças e têm-se estudado cada vez mais nesse foco. Dentro de todas as respostas, caímos na idéia de desenvolvimento motor, técnico como a grande preocupação de todo o processo. Em uma das respostas ainda foi citado o desenvolvimento social, porém, depois do motor e técnico. A questão da aprendizagem em cima do número de repetições também chama a atenção. Fala-se também em brincar, pois, dentro dos momentos certos, sabendo diferenciar coisa seria e brincadeira. O brincar, relacionado ao futebol, vem muito da cultura brasileira do futebol de rua, do pé descalço e isso é bem positivo.

De acordo com as respostas dos profissionais, sejam os da China ou os do Brasil, também percebe-se bastante semelhanças. Cabe salientar, que no processo Chinês, por alguns motivos, os quais o pesquisador fica bem limitado a fazer uma análise mais profunda e com isso tirar conclusões, trabalha com uma disciplina visual (castigo) mais intensa.

Comentário I- Dentro dessas respostas, percebe-se ainda uma visão nas duas realidades de uma prática do esporte idealizada do ser humano (crianças) muito biológica-tecnicista, sendo citado o tempo todo a necessidade de um desenvolvimento motor e técnico como fator primordial para se realizar um bom trabalho Ou seja, simplesmente o processo com as crianças mantêm a mesma lógica do esporte de rendimento, do adulto, mudando somente a “embalagem” e a intensidade.

Comentário II- Relacionado as diferenças citadas em relação ao processo de disciplina utilizada na China, cabe colocar que pode ser que no Brasil ocorra castigos simbólicos, emocionais que possam a vir trazer grandes dificuldades no processo de formação das crianças. Portanto essa questão necessita um maior entendimento das duas realidades e de uma maior base teórica.

4) Você acha que deve haver diferenças entre o ensino do esporte (futebol) para adultos e para as crianças? Quais?

Nesta questão os participantes deram as seguintes respostas:

Professor B1: “Sim. Primeiramente na intensidade. No momento do aquecimento e da parte final da aula é bem interessante fazer com brincadeiras. Não é necessário dizer que com as crianças é preciso ter mais atenção e paciência, não é?”

Professor B2: “Sim. A forma de atuação é totalmente diferente, os adultos já estão formados e se não criaram uma base boa enquanto crianças, fica muito difícil depois. Com os pequenos é fundamental desenvolver a parte técnica, pois, assim elas poderão render bem mais no futuro.”

Professor B3: “Sim. Primeiro é preciso adaptar as regras dos adultos para as crianças, para o jogo ficar mais prazeroso. Brincar também é bem importante e umas das grandes diferenças. Creio que se a criança aprender bem, os fundamentos se tornará muito mais hábil a prática do futebol, por isso é essencial ensinar bem toda essa parte que envolve os fundamentos do futebol.”

Professor G1: “Sim, eles são pequeninos e não possuem as mesmas capacidades que os adultos, precisam desenvolver aos poucos. Sempre trazemos em alguns treinos alguns jogadores profissionais, para que sirvam de bom exemplo. Por isso é necessário muito trabalho com nossas crianças.”

Professor G2: “ Sim. Para mim, a principal diferença é na parte física. O adulto (atleta) trabalha sempre buscando atingir o máximo de seu preparo físico e com as crianças temos que ter cuidado para não forçar demais. Aos poucos ela podem ser mais exigidas. O que não pode faltar em nenhum momento é a seriedade, para elas poderem crescer tendo disciplina.”

Dentro das respostas obtidas na questão quatro, é possível fazer as seguintes análises: Dentro dos eixos utilizados para a elaboração das análises, e sendo essa relação dos adultos com as crianças no processo de ensino do esporte/futebol, é possível colocar que dentro das respostas obtidas entre todos os profissionais, eles acham que existe uma diferença entre o trabalho com a criança e o adulto. Adaptação das regras dos adultos, diferenças na parte físicas, seriedade, crescer com disciplina, trabalhar a parte técnica. Essas foram algumas das respostas obtidas dos entrevistados.

Comentário I- Adaptar as regras dos adultos parece realmente que se tem um processo de adaptação da prática e não uma busca de um trabalho enxergando a criança como um ser cultural. A necessidade de trabalhar a parte física, sendo necessário somente

saber lidar com que intensidade, quantas repetições, com que força, mostra cada vez mais a idéia de um esporte tecnicista. A estimulação do mais rápido, mais hábil, buscando no corpo do trabalho, o Kunz. Com seus princípios e tendências do esporte moderno.

Comentário II- Mais uma vez, entrando no mérito da seriedade, disciplina, ordem. Tema também trabalhado na pergunta três. Sendo um campo muito fértil para possíveis estudos e entendimentos do por que, dessa prática em ambos os países.

5) Como você trata pedagogicamente a competição no ensino de futebol para as crianças?

Quando perguntamos sobre a questão da competição dentro das aulas (treinos) para os educadores (treinadores), ocorreram as seguintes respostas:

Professor B1: “É preciso em primeiro lugar, fazer as crianças aprenderem a perder e a ganhar. Entender aos poucos que a competição faz parte da vida e é necessário saber lidar com ela. Nas minhas práticas, busco passar valores de companheirismo, amizade e ajuda mútua o tempo todo, porém não podemos achar que será sempre assim. Quando eles vão jogar contra uma outra escola, um outro clube e perdem eles ficam chateados e eu acho isso comum, porque é preciso criar nossas crianças para o mundo e se elas querem algum dia se formar um jogador de futebol terá que ser boa mesmo.”

Professor B2: “ Não acho que temos que ganhar sempre, porém não podemos ensinar as crianças serem perdedoras. Claro que elas precisam entender que perder faz parte, mas é normal que ninguém goste. Nos meus treinos eu falo que eles precisam ser unidos e leais com os adversários, mas que é preciso batalhar desde cedo para buscar a vitória, porque de dentro da quadra só sairá um time vencedor.”

Professor B3: “Acho importante dentro de nossa prática, exaltar o companheirismo, a lealdade, a amizade, algo que existe muito bonito no esporte. Mas, dentro do esporte também existe a competição e precisa ser encarada naturalmente, visto que, não somos só nós que queremos que nossa equipe ganhe, existe todo um conjunto, tendo os familiares, a escola ou clube.”

Professor G1: “Ensinamos para as nossas crianças que elas precisam ser unidas, amigas, porque assim elas irão conquistar as vitórias e tornarem-se mais fortes. Nos treinos, procuro criar uma competição saudável entre eles, já que assim eles tendem a aprender mais e criar maior possibilidade de um dia virar profissional.

Professor G2: “As crianças entram aqui indicadas ou por testes. Precisamos buscar sempre boas posições nas competições, porque os pais cobram, o clube cobra, todo

mundo quer ver seu filho ganhando medalha, não é verdade? É importante eles “brigarem” entre eles para que saiam fortalecidos na hora da competição de verdade.”

Em relação às respostas dadas a questão cinco, pode-se fazer a seguinte análise: Aparentemente não parece que a pergunta ficou muito clara, ou os entrevistados não entenderam muito o termo pedagogicamente, visto que poucos falaram sobre como lidam com a competição em suas aulas, ocorrendo nesse momento uma falha do entrevistador, visto que, cabia a ele, fazer uma explicação de acordo com a sua percepção do não entendimento. Mesmo com esses percalços as respostas foram bem ricas.

Nessa questão, podemos identificar algumas passagens interessantes, como: A competição faz parte da vida e é necessário saber lidar com ela; A competição precisa ser encarada naturalmente; Todos nós queremos que nossas equipes ganhem, pais, familiares, crianças. Competição saudável, entre outros pontos que poderiam ser levantados.

Comentário I- Tentando fazer uma análise da competição dentro dos espaços pesquisados, seria possível analisar primeiramente o quanto foi naturalizado o ser competitivo, entra aí todo o processo de construção do ser social e a naturalização das coisas, dos fatos. Fala-se muito em incentivar o companheirismo, a união, a amizade, porém o fato mais relevante é que se trabalha isso dentro do grupo, para posteriormente conseguir derrotar o outro grupo (time).

Comentário II- Muito se fala na necessidade dos resultados, mesmo trabalhando com crianças, daí podemos entrar na questão do esporte precoce, pois desde cedo é feita uma pressão pelos pais, familiares e instituições em cima desses pequenos, por resultados (rendimento). Importante também ressaltar, que dependendo de como é colocado o esporte, ele realmente pode ser muito saudável e de uma riqueza enorme no trato educacional.

6) Como você lida com as experiências de insucesso das crianças dentro das competições?

Nesta questão, os entrevistados responderam:

Professor B1: “Como já disse sobre a competição, é preciso ensinar a perder também, porque o esporte seja ele qual for terá derrotas e vitórias. De vez em quando pegamos as crianças chateadas por causa da derrota, do insucesso, só que isso faz parte e precisamos ir aos pouco conversando e mostrando que a vida é assim.”

Professor B2: “Em qualquer competição temos vencedores e perdedores, por isso, é preciso ensinar para as crianças desde cedo que existe as duas possibilidades. Muitas das

vezes tenho que brigar com alguns alunos, porque fica muito bravo quando perde e falta com respeito com o adversário.”

Professor B3: “A vida não é feita só de sucesso, certo? Por isso, precisamos trabalhar com a derrota e a vitória o tempo todo. Vencer é importante e passar isso para as crianças é fundamental, porque a vida adulta não é fácil.”

Professor G1: “Converso com os alunos que eles precisam sempre se dedicar ao máximo para vencer, porque assim eles irão se destacar e terão chances no futebol. Também digo que é preciso saber perder e sempre que isso acontecer é tentar melhorar para a próxima vez.”

Professor G2: “Nosso clube, é o terceiro maior clube da China, por isso desde cedo nossas crianças precisam buscar ficar bem posicionadas nas competições. Não podemos cobrar tanto quanto os adultos, mas é necessário cobrar.”

De acordo com as respostas dadas na questão seis, pode-se fazer a seguinte análise: as partes marcantes das respostas, estavam ligadas a importância de desde cedo ensinar os pequenos a ganhar e perder, já que isso faz parte da competição. A comparação da cobrança para as crianças e os adultos.

Comentário I- O trabalho em relação as crianças e os adultos, mais uma vez aparece, sabendo que é necessário uma intensidade e uma pressão diferente, entendendo como únicas diferenças. Mais uma vez caímos na questão da competição, ensinar a ganhar e perder, tendo uma lógica do esporte idealizado para as crianças. Percebe-se que as diferenças dentro das respostas obtidas são quase nulas, de acordo com a indagação feita.

7) Você é formado em Educação Física? Para você existem diferenças numa aula ministrada para escola ou para escolas esportivas, clubes? Se existem, quais?

De acordo com a pergunta sete, foram dadas as seguintes respostas:

Professor B1: “Sim, sou formado. Já dei aula em escolas e escolinhas esportivas e na minha opinião existe diferença. Na escola é mais tranquilo, a cobrança é menor. No clube ou escola esportiva a cobrança é outra, a aula é mais intensa e é necessário explorar mais o desenvolvimento técnico da criança.”

Professor B2: “Sou formado. Acho que a aula no clube é mais puxada, porque as crianças levam mais a sério. Os pais cobram mais e muitos assistem e incentivam seus filhos. A participação dos mesmos pais praticamente não ocorrem em relação a escola.”

Professor B3: “Sim, sou formado. Ainda não tive experiência em escola, porém lembro que quando aluno o negócio era esperar a bola e jogar, o professor ficava apitando

as partidas. Já aqui na escolinha esportiva, as pessoas exigem mais, se trabalha muito os fundamentos e o desenvolvimento motor das crianças.”

Professor G1: “Não sou formado. Sempre trabalhei com clubes, mas tenho amigos que trabalham em escolas e muitas vezes me pedem idéias de aulas, de exercícios. Imagino que seja um trabalho parecido, mas com menor intensidade.” Professor G2: “ Não sou formado não, conheço bem a parte da preparação física e também a parte técnica, por isso posso juntar os dois. Nunca trabalhei em escola, mas creio que trabalhar com o futebol não tem segredo, não é?”

Em relação às respostas obtidas, pode-se fazer a seguinte análise: Existe uma clara relação de que trabalhar em escolas esportivas, há uma exigência maior, já que aparentemente pelas respostas, mesmo de quem nunca trabalhou em Escolas, a Educação Física na Escola é mais tranqüila, sem muita cobrança. Dando a impressão de ser um momento com uma menor importância e fácil de ministrar. Percebe-se na fala de todos, independentes de ser formado ou não, que o que muda de um para o outro é a intensidade, porém o conteúdo trabalhado em ambos os ambientes é o mesmo. Fica assim bem aparente a idéia da Educação Física se resumir ao esporte, perdendo todas as outras possibilidades do se movimentar humano. Ficando visível a predominância nesses ambientes da atual tendência hegemônica do esporte. Não podemos deixar passar, a questão da formação dos profissionais da área, tendo possivelmente uma formação pouco crítica e muito tradicional, visto que, para que formar seres críticos, se o interessante para manter as estruturas de poder é simplesmente deixar a roda rodar. É muito importante nos atentar para essa situação, pois grandes mudanças estão ligadas ao processo educacional de formação. Além de as escolinhas serem procuradas por escolha pessoal e na escola muitas vezes o conteúdo proposto é opção do professor ou imposto pelo currículo, o que muitas das vezes não é de agrado dos acadêmicos.

8) Para você a maneira de ensinar futebol é igual em qualquer lugar do mundo?

De acordo com a pergunta oito, tivemos as seguintes respostas:

Professor B1: “Acho que não, porque no Brasil deve ser diferente. Os meninos nascem querendo jogar bola e eles gostam demais, já nos outros países nem sempre o futebol é o esporte preferido, por isso se dá pouca importância. Agora falando dos fundamentos o futebol é igual em qualquer lugar, porque um passe será sempre um passe, certo?”

Professor B2: “Acho que não, nos outros países deve ser mais duro, porque dá para perceber pela maneira que eles jogam, devem treinar muitos fundamentos, coisa que no Brasil também se treina, porém, aqui um lance bonito é sempre elogiado pelo professor, o guri habilidoso que esconde a bola é o que gostamos.”

Professor B3: “Sei lá, sei que o gingado do brasileiro é diferente, já nascemos chutando a bola. Que garoto nunca jogou bola no Brasil, é difícil achar um, não é? Sei que os fundamentos são iguais para todos, porém, somos diferenciados no contato com a bola.”

Professor G1: “Acho que não, porque não somos muito bons no futebol”, risos.... “Acho que os brasileiros devem ensinar melhor, porque suas crianças e os jogadores jogam muito bem. Estamos tentando melhorar e ensinar da melhor forma para as crianças.”

Professor G2: “Creio que as algumas partes do futebol sim, porque tem coisas que tem que ser ensinado no mundo inteiro. Acho que em alguns lugares devem existir formas diferentes de ensinar, pois, as crianças são muito boas, como por exemplo, no seu país. Aqui estamos tentando fazer o melhor e logo nossas crianças serão bem treinadas e poderão se tornar bons jogadores.”

Com relação às respostas obtidas, pode-se fazer a seguinte análise: percebe-se que na opinião de todos os profissionais, o futebol é o mesmo quando se fala da parte técnica dos fundamentos. Sei que um passe é um passe, porém fica clara a padronização dos movimentos, das técnicas, das regras. O que pouco se fala é sobre a questão cultural, o processo histórico, possibilidades de ir além da técnica, dos livros de receita de como ensinar futebol.

Comentário I- Dentro do tópico futebol, trabalhado no corpo do trabalho, percebe-se nas respostas, uma forma universal em ensinar o futebol, deixando de lado a questão cultural, sua forma de jogar e as características de cada nação. Parece que o futebol é igual na China e no Brasil. Ocorrendo uma obviedade nas respostas, visto que, carecem de reflexão cultural sobre o ensino do futebol e da questão cultural que incidem sobre as técnicas, que mesmo os fundamentos sendo os mesmos, as execuções e utilizações são culturalmente diferentes.

5.2. Entrevistas aplicadas às crianças que participavam da Escolinha Esportiva do Bardal e do Clube Guoan da China

1) O que você entende por esporte? E quais os esportes que você conhece?

Dentro das respostas dadas por algumas crianças, podemos citar:

Criança B1: “Entendo como jogar futebol, correr, vôlei. Papai diz que é muito importante para mim, porque fazendo, terei mais saúde, ficarei mais forte e ainda terei um monte de amiguinhos. Eu conheço futebol, que eu adoro. Vôlei, basquete, corrida, que eu lembre só” Risos.

Criança B2: “Entendo que é uma coisa boa, sempre quero vir para a aula. De vez em quando fico chateado porque fico muito tempo esperando para jogar. Não sou muito bom não, sabe?” Risos. “Eu conheço o futebol, vôlei, basquete, tênis, do nosso campeão Guga e handebol.”

Criança B3: “Adoro esporte e quero jogar futebol como gente grande, adoro assistir o Figueira na televisão e meu pai me leva no estádio. Conheço futebol, basquete, vôlei, tênis e mais , só que não estou lembrando.”

Criança G1: “Esporte é bom, coisa de saúde, não é? Acho que ainda serei um bom jogador de futebol, isso é coisa do esporte. Eu conheço futebol, basquete daquele grandão chinês, ele joga muito, você já viu? Vôlei e também artes marciais, que meu pai adora.

Criança G2: “Aqui nos estudamos e fazemos esporte, é bom, mas de vez em quando fico com saudade da mamãe. Eu conheço futebol, basquete, vôlei e brigas.

De acordo com as respostas das crianças para a primeira pergunta, é possível fazer a seguinte análise: Em primeiro lugar, destacar a imagem que as crianças possuem do esporte com uma coisa boa. Imagem essa da qual somos bombardeados pelos meios de comunicação. Isso não significa dizer que o esporte é ruim, entretanto o seu uso social é muito pernicioso, a questão é como ele é utilizado no processo educacional e todas as limitações vindas pela tendência hegemônica atual. Cabe aqui mesmo, dizer essa relação com a mídia, dentro de uma das respostas, a criança disse que o pai a leva para o estádio e ela adora assistir jogos do time ou seja a imagem criada pelo pequeno é de um esporte de rendimento, onde o time tem que ser o campeão, ele precisa ser bom jogador. No segundo momento, percebe-se realmente que as práticas tradicionais tomam conta dos espaços e das escolas, visto que, todas as crianças praticamente conheciam o mesmo esporte, havendo uma diferença cultural onde na China elas respondiam artes Marciais, brigas, também querendo dizer a mesma coisa. O último ponto de destaque, que será aprofundado em outras perguntas, é que a criança gosta da escolinha, porém em alguns momentos fica chateada por ficar uma grande parte do tempo esperando para poder jogar, porque ela não joga bem. Entramos na questão da seletividade, da exclusão dos menos habilidosos. O conhecimento dos pequenos pelas artes marciais reflete todo um processo histórico chinês,

e em algum momento dessa história a grande busca pelo equilíbrio, os que ainda hoje se chama de yin yang.

Comentário I- A fase da infância é uma fase de dependência de cultura e fortemente influenciada pelo meio e pelos adultos, isso forma o ser cultural.

2) Você gosta do seu professor? Acha que ele dá atenção igual para todos da turma?

De acordo com as respostas dadas para a pergunta número dois, podemos citar:

Criança B1: “Sim, ele é muito legal, engraçado. A aula é bem boa, porque sempre temos três ou quatro times e ficamos fazendo dez minutos ou dois gols, assim os jogos ficam bem animados e disputados.”

Criança B2: “Sim, na hora do futebol ele é legal, até joga com a gente, mas na hora dos treinos de fundamentos é muito chato” Risos. “Acho que a atenção é para turma inteira, mas realmente temos colegas que não jogam muito bem e nós que jogamos melhor brigamos um pouco com eles, daí o professor briga com a gente.” Risos.

Criança B3: “Ele até que é legal, mas o ruim é que na hora do jogo ele mesmo faz uma panelinha com os titulares e nós que não somos tão bons jogamos pouco. A parte dos exercícios e dos fundamentos é chata.”

Criança G1: “Ele é um bom amigo, mas é bravo, de vez em quando briga muito com a gente e tenho amigos que ficam bem tristes. Não podemos errar muito senão ele briga e faz a gente correr em volta do campo. Ele faz igual com todo mundo, mesmo com os mais gordinhos, nós é que não queremos jogar com os piores, porque quando perde fica muito tempo sem jogar.”

Criança G2: “Sim, gosto, porém acho que ele gosta mais dos meus amigos que jogam muito bem, como eu não jogo muito bem ele briga muito comigo e eu fico muito de castigo, mas ele é um bom amigo.”

De acordo com as respostas obtidas da segunda questão, pode-se destacar: em primeiro lugar o grande contato humano que os profissionais da Educação Física têm com os seus alunos. Facilitando e muito todo o processo de aprendizagem e se esse ponto a favor for trabalhado para novas mudanças, transformações e uma constante busca do educar com uma visão mais ampla do ser humano será fantástico. É colocado mais uma vez, a questão da aprendizagem através do processo repetitivo usando a metodologia tradicional, sempre fragmentando o conteúdo do jogo, muitas vezes transformando a aula em momentos chatos e desestimulantes. O ganhar, o ser melhor, o gordinho e a divisão de

atenção do professor com os alunos e principalmente dos próprios alunos com eles mesmos é sempre citada como algo normal e comum, da necessidade de dar mais atenção para os mais habilidosos. Tendo uma maior participação em tempo de aula, por sempre conseguir ganhar e com isso ficar mais em quadra. Aparece também a questão do castigo, onde os alunos não podem errar demais senão ficam de castigo e a idéia da necessidade de trabalhar duro para um dia ser alguém.

Comentário I- Existem aqui, toda a questão dos princípios e tendências do esporte moderno, colocado por Kunz, mais uma vez, visto que, em muitas respostas podemos enxergar esses princípios. Também pode-se colocar um lado bem positivo, uma vez que, é intenso o contato humano do educador com o educando.

3) Além do futebol, você já fez algum outro esporte? Já fez dança? Arte marcial? Ou alguma outra atividade?

Em relação à questão três, tivemos as seguintes respostas:

Criança B1: “Mamãe já me colocou na natação, mas o que eu gosto mesmo é do futebol, é muito bom jogar e assistir. Dança nem pensar, acho que deve ser legal fazer luta, mas ainda não experimentei. Gosto muito de brincar de pique e brincar na rua, mas minha mãe não deixa muito, diz que é perigoso.”

Criança B2: “Faço futebol e as vezes brinco de basquete, acho legal. Não gosto de dança, acho que é coisa de mulherzinha. Luta tenho vontade de fazer. Gosto muito de brincar de vídeo game, isso é atividade?”

Criança B3: “Adoro futebol e quero sempre jogar e ser que nem o Ronaldinho gaúcho. Minha irmã faz dança, eu não, é claro. Adoro brincar com de carrinho e vídeo game.”

Criança G1: “Meus pais sempre disseram que eu posso ser um ótimo jogador de futebol, adoro jogar bola, de vez em quando fico cansado de tanto treinar, mas, é bom. Meu pai faz arte marcial, acho legal, mas não tenho tempo. Gosto de brincar de corrida e peteca com os amigos.”

Criança G2: “Adoro futebol e adoro o Kaká (jogador brasileiro). Nosso treinador é meu pai diz que temos que treinar bastante para melhorarmos e quem sabe virarmos um jogador profissional, não é? Já fiz luta e adorei.”

Em relação às respostas dadas pelos alunos, sobre a questão três, pode-se fazer a seguinte análise: o futebol na atualidade é uma realidade sócio-cultural que ocupa lugar significativo na sociedade contemporânea. A presença intensa da mídia é percebida nas

respostas dos alunos, sendo que nas suas palavras aparecem jogadores famosos. Identifica-se também como são podadas as possibilidades de novos movimentos, novas experiências pelos praticantes de futebol, já estando às crianças reduzidas a prática de determinada atividade. Cabe um pequeno destaque, na relação de gênero que aparece, visto que, foi construído historicamente que dança é coisa para mulher e que homem não precisa e não deve fazer. A lógica numa das últimas respostas dada por uma criança chinesa, encaixa-se na questão do esporte precoce, da necessidade de muito treinamento e da busca em se tornar um profissional. O apoio dos pais em toda essa prática é claramente observado nas falas das crianças. Mais uma vez, cabe ressaltar a presença constante nas respostas da prática das artes marciais, muito forte na cultura oriental.

Comentário I- Existe aqui, uma questão cultural bem interessante, visto que, dentro de uma realidade as crianças, conhecem certos tipos de esportes e na outra as atividades se diferem em alguns momentos. Essa construção social, irá interferir em todo o processo de trabalho, de aprendizagem.

4) Papai e mamãe acompanham seus treinos, nos jogos? O que eles falam normalmente antes, durante e após os eventos?

De acordo com a pergunta quatro, tivemos as seguintes respostas:

Criança B1: “Quando dá, eles vão sim. É que eles trabalham muito e não podem acompanhar, mas eu adoro quando eles podem. Eles falam para eu fazer o que o professor pede e buscar sempre correr muito. Vibram muito quando eu faço gol e ficam tristes quando meu time perde.”

Criança B2: “Sim, eles quase sempre me acompanham nos jogos e eu adoro. Ficam na arquibancada dizendo vai, corre, faz o gol, marca. Quando jogo mal, fico muito triste porque sei que eles estão me assistindo, mas quando jogo bem e faço gol, é sempre muito bom. Eles falam que o importante é fazer amigos e fazer o que eu gosto, mas quero sempre ajudar aos meus colegas a vencer.”

Criança B3: “Quase sempre eles podem ir. Meu pai diz, vai lá e arrebenta, faça que nem o nosso Kaká na seleção. Adoro jogar e ver meus pais torcendo. Nos treinos de vez em quando minha mãe fica braba com o professor, porque ele me deixa muito esperando.” Risos.

Criança G1: “Meus pais sempre vão, o momento dos jogos é muito importante para eles e para mim, porque é ali que mostramos que estamos aprendendo e somos bons. Quando perdemos é ruim, porque fica todo mundo meio triste, agora quando ganhamos, é

bom, porque saímos para comer coisas gostosas. Meus pais sempre falam para eu me dedicar ao máximo e buscar fazer o que o treinador manda.”

Criança G2: “Sim, meus pais sempre vão. Eles falam para eu jogar com vontade e tentar fazer o melhor. Sinto-me feliz quando vejo meus pais nos jogos e nos treinos. Eles me ajudam muito.”

Em relação às respostas dadas pelas crianças da pergunta quatro, é possível, fazer a seguinte análise: a presença dos pais é de suma importância para as crianças, esse convívio pais, crianças e educadores (instituição) é muito positivo em todo o processo de crescimento dos pequenos, depende é claro de que tipo de cobrança será feita. No caso das respostas obtidas, aparentemente parece ter uma idéia bem positiva, devido ao apoio dos pais e suas presenças. A questão da exigência, de uma maior dedicação, da busca pelo limite, incentivada pelos treinadores fica aparente nas respostas.

5) Dentro das aulas, treinos, o que você gostaria que fosse diferente?

Dentro das respostas obtidas da pergunta cinco, temos:

Criança B1: “Gostaria que o professor desse mais jogo e menos treino. Também gosto muito das brincadeiras, mas acho poucas, gostaria que tivesse mais.” Criança B2: “Queria jogar o tempo todo, ficar treinando muito é chato. Queria ter mais campeonatos, porque é bom.”

Criança B3: “Podíamos jogar sempre, sem que o professor parasse tanto o jogo com as regrinhas chatas. Eu e meus colegas gostamos muito de brincar, mas o professor brinca pouco, porque ele precisa treinar mais, para o time jogar bem nos campeonatos.”

Criança G1: “Queria ficar menos de castigo. E jogar mais tempo. Queria menos campeonatos, porque eu fico muito nervoso.”

Criança G2: “Gostaria de jogar mais tempo e treinar menos. Sei que é importante treinar muito, mas é chato.”

Dentro das respostas da pergunta cinco, pode-se fazer a seguinte análise: a questão do jogar fica evidente como vontade predominante da criança. Aparece a relação entre o jogo e o esporte. A fragmentação do jogo e o ensinamento através dessa prática muitas vezes tornam esse método desestimulante para a maioria das crianças. Fica também visível, que no treinamento os profissionais supervalorizam o esporte e possivelmente deixam de lado a dimensão educativa da prática em si. Destacar a resposta de um dos alunos, quando diz que não queria disputar tantos campeonatos, porque fica nervoso, retrata com exatidão a pressão feita em cima dos pequenos. A estreita relação das crianças

com o brincar é visível. Possivelmente seria possível afirmar que a maior parte do processo de aprendizagem é feito em cima das vontades dos adultos, tendo pouca participação da vontade das crianças.

A metodologia do aprender jogar, jogando é solicitado pelas crianças; ao invés dos treinos. Não é própria a cultura infantil fragmentada e fazer novas reflexões sem sentido.

6) Algumas vezes nas aulas, nos jogos, percebi que tinha alguns amiguinhos chorando, isso é normal acontecer? Por quê?

De acordo com a pergunta número seis, obteve-se as seguintes respostas:

Criança B1: “É verdade, é que quando perdemos ficamos chateados e, algumas vezes, dá vontade de chorar. Eu também odeio perder. Papai diz para eu não ficar chateado que na outra partida eu irei ganhar e que não tem problema perder.”

Criança B2: “Tenho colegas que choram por qualquer coisa, eu não choro não. Também não gosto de perder, mas não precisa chorar por isso, não é?”

Criança B3: “O professor diz para não chorar porque perdeu, mas algumas vezes acontece. Mamãe também diz que eu não preciso ficar chateado e que perder e ganhar é normal. Eu praticamente nunca choro.”

Criança G1: “Algumas vezes meus amiguinhos choram, porque ficam de castigo. Eu não choro, porque nunca fico de castigo, pois jogo muito bem. Quando tem um amiguinho chorando, o treinador fala, não precisa chorar. O importante é treinar melhor para ganharmos a próxima partida.”

Criança G2: “Sim, é normal, porque ninguém gosta de perder, não é professor? Não choramos sempre, mas quando o jogo é importante de vez em quando não dá para segurar.”

De acordo com as respostas obtidas, pode-se fazer a seguinte análise: A presença constante do perder e ganhar e a necessidade de conviver com essas duas possibilidades. Ocorre uma naturalização dos fatos, dos atos, e parte do princípio que qualquer jogo tem que existir sempre um perdedor e um vencedor. De forma repetitiva, mas necessária, é preciso expor mais uma vez que os mais habilidosos são sempre mais favorecidos e que o trabalho é voltado para esses alunos. Por exemplo, um aluno dizendo que os amigos ficam de castigo e choram por isso e ele não chora e nem fica de castigo porque joga bem.

5.3. Análise Complementar

Nesse momento, é feito uma síntese e uma breve análise, buscando responder quais foram as diferenças encontradas dentro dos elementos sócio-culturais entre as duas realidades pesquisadas. Para isso, serão colocados os eixos e possíveis desdobramentos que foram utilizados para encontrar os resultados.

1- Eixo central: Diferenças entre as duas realidades (elementos sócio-culturais) dentro do ensino esporte/futebol, nas escolas pesquisadas do Brasil e da China.

A- Quanto ao conceito de esporte:

Pode-se constatar que a prática do esporte está baseada numa visão sob os pilares da competição, focado dentro dos princípios de rendimento. Em relação as duas realidades, percebe-se que praticamente os conceitos e as idéias são bem parecidas, ocorrendo somente pequenas diferenças dentro do processo cultural.

B- Trato pedagógico do esporte (transformações ou adaptações):

De acordo com esse eixo, dentro das duas realidades o trabalho acontece com as adaptações do esporte de rendimento para as crianças. Enxergou-se muito pouca diferença nos conteúdos, nas formas e na idéia na qual é ensinado o esporte. Mesmo com as limitações em interpretar com mais profundidade a cultura oriental chinesa, seus valores, costumes, etc...

Percebe-se não haver na fala dos entrevistados teorizações qualificadas que nos possibilitem afirmar um “trato pedagógico” intencional dos professores pautado na transformação didática dos esportes a ser oferecido para as crianças; eles não explicitaram, por exemplo, qualquer indicativo de alterar o componente rendimento obrigatório, questionarem os valores implícitos na prática do esporte oferecido as crianças; resumiram-se basicamente a citar pequenas alterações, ainda insuficientes para caracterizar transformações estruturais do esporte tornando-o conteúdo apropriado ao desenvolvimento sócio-cultural infantil.

C- Disciplinamento e medo na forma de ensinar:

Sendo um assunto que aparece bastante no trabalho e de grande importância de análise e comparando as duas realidades pode-se dizer que na China os profissionais agem

com uma disciplina maior disciplina ao educar as crianças, sendo mais rigorosos, tendo assim a sensação de um trabalho pontuado na pedagogia do medo. No caso do Brasil, aparentemente parece ser mais tranquilo. Porém, não é possível chegar a conclusões precipitadas, visto que, muitas vezes um castigo simbólico, emocional, pode trazer consequências bem negativas para as crianças. E também tendo uma necessidade maior de um conhecimento da cultura chinesa.

D- Formação acadêmica:

É fato que no Brasil, na escola em que ocorreu a pesquisa, os profissionais possuem formação acadêmica e na China, no Guoan Futebol Clube, isso não acontece. O que chamou a atenção do pesquisador é que o formato e a prática se diferenciam muito pouco, independente da formação acadêmica. Não é possível fazer conclusões absolutas do que é melhor, do que é pior, porém, é necessária uma maior reflexão sobre o tema.

E- Conceito criança/infância:

Dentro desses conceitos e falas sobre esse assunto, percebem-se algumas diferenças culturais, como tipos de atividades conhecidas pelas crianças, por exemplo, artes marciais na China e futebol no Brasil. Além disso, alguns rituais diferenciados antes do momento de intervenção (aula).

Relacionado ao trato pedagógico nos dois lugares é feito uma adaptação do futebol adulto para as crianças, deixando de lado suas experiências, parte de suas vontades, ou seja, sua construção social acaba não tendo o devido valor. O conceito de criança em ambos os espaços, parece ser o idealizado pela instituição esporte/futebol. Ainda é pouco para poder tirar conclusões definitivas, porém a criança é vista como ser inocente e pura como “barro” a ser modelado; não há nas falas dos entrevistados uma compreensão qualificada e refinada da criança enquanto sujeito produtor da cultura própria e também com necessidades próprias de serem supridas para seu pleno desenvolvimento na fase denominada infância.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

CORRENDO PARA O ABRAÇO

O intuito deste trabalho foi identificar se há diferenças socioculturais no ensino do esporte/futebol para crianças, a partir de duas experiências: uma no Brasil e outra na China.

Diante desse contexto, houve a busca de compreender o funcionamento e a estrutura do modelo esportivo atual, utilizado no processo educacional na escola do Brasil e no clube da China. Seguidamente, tentar identificar e contribuir com trabalhos objetivando superar tal tendência hegemônica no processo educacional, base para pequenas e grandes mudanças.

Desse modo, faz-se necessário conhecer a ligação próxima entre o esporte, futebol e criança, sua forma de tratamento e sua expansão pelo mundo. Suas idéias e sua lógica de trabalho, como algo construído historicamente e enraizado em nossa sociedade, passando a ser objeto central para o entendimento de toda a pesquisa, desde o primeiro momento até as respostas e análises dos questionários elaborados para alunos e professores de ambos os espaços pesquisados.

É pertinente destacar, já que precisamos acreditar que as pequenas e grandes mudanças venham a acontecer através de transformações dentro do processo educacional, o fato de que na China os profissionais entrevistados não possuíam formação na área da educação. No Brasil os participantes da pesquisa tinham formação na área, mesmo assim ficou aparente a utilização de métodos e valores semelhantes no processo de formação das crianças, respeitando as grandes diferenças histórico-culturais.

Evidente que não foi possível tirar grandes conclusões definitivas devidas algumas limitações do pesquisador e da necessidade de maior aprofundamento no assunto abordado. Passa-se aí, a reprodução de um modelo adulto, tendo em mente o esporte de rendimento, continuando sendo a forma pela qual estamos educando nossas crianças, sendo que cada vez mais ocorre a grande influência da mídia, do empirismo científico e também

do “prático” (ex-atletas) e a desumanização na passagem do ensinar esporte para as crianças.

É fundamental que os professores procurem entender e trabalhar com as crianças como seres culturais e que no momento de atuação, busquem realizar dentro de seus contextos, suas necessidades, sem impor o modelo pré-existente nos quais as crianças são tratadas como mini adultos.

Nessa visão, cabe aos profissionais, fazer com que os alunos sejam sujeitos ativos em todo o processo de construção dos conteúdos, das aulas, das experiências de uma forma geral. Onde possam ser atingidos os objetivos de todo o grupo, desde que esse, não seja somente visto como um fim, mas sim como uma longa caminhada com responsabilidade, conhecimento e autonomia de todos os envolvidos. Dentro dessa perspectiva de mudança, torna-se necessário ampliar as dimensões e o potencial de humanização enquanto experiência do ensino de escolas de esporte infantil, para isso é preciso urgentemente transformações no processo de mediação educacional.

Cabe aqui, não deixar passar em branco a fantástica experiência vivenciada no processo de aprendizagem de futebol na China, gerando importantes inquietações e grandes ensinamentos no decorrer da formação. E também poder apresentar um pouco de China, sua história, sua política, esporte e criança aos educadores, administradores, alunos e público no geral que tiver acesso ao trabalho. Acreditando que é preciso deixar um legado de tudo que aprendemos e que colaborou para o crescimento pessoal, profissional e acima de tudo humano.

Finalizando, o grande legado que fica é a esperança de que as pessoas possam refletir mais e não apenas reproduzir o que é exposto, agindo como sujeitos da sua própria história e não como meros objetos. Que tudo de melhor que o esporte possa vir a proporcionar não seja simples gestos motores ou a reprodução do esporte de rendimento nos processos educativos. Que se busquem seres mais comprometidos com transformações sociais, a fim de construir uma sociedade mais justa, solidária e acima de tudo aceitando as diferenças.

REFERÊNCIAS

- BELLUCCI, Bellucci (Oorg.). **Abrindo os olhos para a China**. Rio de Janeiro: Educam, 2004.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre, Magister, 1992.
- _____. **Educação Física e Ciências: cenas de um casamento (infeliz)**. Ijuí:Unijuí, 1999.
- BROWNELL, Susan. **Traning the body for China**. The University of Chicago Press, 1995.
- CEI. **China economy**: China economic information network, P. R. China. Disponível em: <<http://www1.cei.gov.cn/>>. Acesso em: 17 agosto 2005.
- CERISARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: Por onde anda a educação infantil?** Florianópolis: Perspectiva. v. 17, n. especial, p.11-21, jul./dez.1999.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: competição x cooperação**. Disponível em: <http://www.linhadireta.com.br/livro/parte3/artigos.php?id_artigo=8> Acesso em: 16/09/2009.
- COIMBRA, Edu. **Método sensorial no futebol da infância à fase adulta**. Ed. Mauad.
- Coletivo De Autores. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DONG, Mao Ze. **A study of the Physical Education**, Paris, 1962.
- DRUMMOND, Carlos. **Viagem à Grande China**. São Paulo: Scritta, 1994.
- GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2003, 4 ed.
- GIROUX, Henry A. **A escola crítica e a política cultural**. São Paulo: Cortez: Autores Associados,1998.
- JINXIA, Dong. **Women, Sport and Society in Modern China: holding up more than hakf the sky**. United States of America: Frank Cass Press, 2003.
- JI-WEN, Shi. **Sports go Forward in China**. Peking, 1963.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Fundamentos normativos para as mudanças no pensamento pedagógico em Educação Física no Brasil**. 2001.

LEONTIEV, A. N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**. In: VYGOTSKII, L. S.

LESCOT, P. **O Império Vermelho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Edusp, 1988.

PING, Zheng. **Geografia física, economica y humana de China**. Beijing Intercontinental Press, 1999.

POMAR, Wladimir. **A revolução chinesa**. São Paulo: Ática, 2003.

REZER, Ricardo; SAAD, Michel A.. **Futebol e Futsal: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas**. Chapecó: Editora Universitária Argos, 2005.

RIORDAN, James. **Sport under Communism**. London, 1978.

SÁVIO, Assis de Oliveira. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Educação Física na pré-escola: principais influências teóricas**. Goiânia, 1997.

SOUZA, M^a Célia *et al.* **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. Vozes.

STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**. Ed. Antroposófica, 3 ed., 2007.

TAO, Wang. **Explorando a China**. São Paulo: Ática, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. In.: FONTES, Martins. São Paulo, 2001.

XUEYUAN, Tian. **Populacion y Desarrollo de China**. Beijing Intercontinental Press, 1999.